

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

FABIO WILHELM

**O SÁBADO NO ANTIGO TESTAMENTO E
NA PERSPECTIVA DE JESUS**

São Leopoldo

2014

FABIO WILHELM

**O SÁBADO NO ANTIGO TESTAMENTO E
NA PERSPECTIVA DE JESUS**

**Trabalho final de Mestrado Profissional
Para obtenção de grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia**

Orientador: Me. Verner Hoefelmann

**São Leopoldo
2014**

Dedicatória

À Simone, minha esposa,
com quem compartilho o pão:
Na alegria e na tristeza,
Na saúde e na doença,
No lazer e no trabalho,
No divino e no humano.

Agradecimentos

Sou grato a Deus pelo infinito amor e pela graça que recebo todos os dias de minha vida.

À minha esposa, por sua influência, incentivo, amor e carinho em todos os momentos.

À minha mãe, por tudo aquilo que me ensinou e porque sempre me apoiou no ensino.

Ao meu orientador, Prof. Ms. Verner Hoefelmann, pela sua competência, paciência e estímulo em minhas dificuldades.

Aos professores que conheci na EST, pela contribuição com seus ensinamentos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W678s Wilhelm, Fabio

O sábado no Antigo Testamento e na perspectiva de Jesus /
Fabio Wilhelm ; orientador Verner Hoefelmann. – São
Leopoldo : EST/PPG, 2014.
77 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Shabat – Ensino bíblico. 2. Jesus Cristo –
Opiniões sobre o Shabat. I. Hoefelmann, Verner. II.
Título.

RESUMO

O presente trabalho pretende investigar o sábado na Bíblia e as suas implicações para o povo de Deus. Estudaremos também o posicionamento de Jesus em relação ao sábado. O primeiro capítulo investiga o sábado no período do Antigo Testamento, para podermos compreender o valor desta instituição nos tempos de Jesus. No segundo capítulo, analisaremos uma perícopa do evangelho de Marcos (2.23-28), nos quais é relatada uma discussão entre os fariseus e Jesus em torno do sábado. Finaliza-se o trabalho expondo a parte teológica do sábado, o posicionamento de Jesus e o surgimento do domingo, como dia de comemoração da ressurreição de Jesus.

Palavras-chaves: Sábado - Jesus - Liberdade

ABSTRACT

This study aims to investigate the Sabbath in the Bible and the implications that it has brought to the people of God. Also, we will study Jesus's position regarding the Sabbath. The first chapter explores the Sabbath in the Old Testament period, in order to understand the value of this institution in the times of Jesus. In the second chapter, we will do an exegesis of the Gospel of Mark (2:23-28), in which a discussion between Jesus and the Pharisees about the Sabbath is reported. The conflicts of Jesus, in the Gospels, regarding the Sabbath revolve almost solely around what things were allowed to do or not allowed to do on that day. All texts deal with cures on the Sabbath, with the exception of Mark 2:23-28. We will analyze the position of Jesus in relation to the Sabbath, based on this pericope, for Jesus establishes this one as the primary matrix for understanding all the other texts on the Sabbath. We finish by presenting the advent of Sunday as the day to commemorate the resurrection of Jesus. The day of the resurrection became special for the memory of the first Christians and for the Christian Church.

Keywords: Sabbath - Jesus - freedom

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 AS DIFERENTES MANEIRAS DE ESTRUTURAR O TEMPO NAS ANTIGAS CULTURAS E A POSSÍVEL RELAÇÃO COM O SÁBADO JUDAICO.....	12
1.1 Etimologia	12
1.2 Possíveis origens do sábado.....	15
1.3 Sábado no Pentateuco.....	19
1.4 O sábado no livro do Deuteronômio.....	23
1.5 O sábado no livro do Êxodo.....	26
1.6 O sábado no livro de Levítico.....	26
1.7 Ano de jubileu.....	27
1.8 O sábado no livro de Números.....	29
1.9 O sábado no livro de Gênesis.....	29
2 EXEGESE DE MARCOS 2.23-28.....	34
2.1 O sábado nos evangelhos.....	34
2.2 Texto.....	36
2.2.1 O texto grego.....	36
2.2.2 Tradução.....	36
2.2.3 Verificação do aparato crítico.....	37
2.2.4 Comparação de versões.....	38
2.2.5 Análise de versões.....	40
2.3 Análise literária.....	41
2.3.1 <i>Características literárias do evangelho</i>	41
2.3.2 <i>Autor</i>	42
2.3.3 <i>Local</i>	43
2.3.4 <i>Data</i>	44
2.3.5 <i>Contexto literário</i>	44
2.3.6 <i>Estrutura do texto</i>	45
2.3.7 <i>Gênero literário</i>	47
2.4 Análise de conteúdo.....	48
3 JESUS E O DIA DE DESCANSO.....	52
3.1 O posicionamento de Jesus em relação ao sábado.....	52

3.2 O domingo.....	58
CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem o objetivo de fazer algumas reflexões sobre o sentido do sábado bíblico, para entendermos por que os cristãos, em sua maioria, adotaram o domingo como sendo o dia de adoração em lugar do sábado.

O sábado perpassa toda a Bíblia e não teremos condições de expor cada ponto. O Novo Testamento será o foco principal, pois ele contém o posicionamento de Jesus sobre o sábado. Vamos nos deixar orientar aqui por um texto do evangelho de Marcos, onde Jesus estabelece um critério para a leitura correta dos demais textos relacionados ao assunto. Mas faremos antes disso uma exposição sobre a importância do sábado no Antigo Testamento. Ao estudarmos o Antigo Testamento, vamos perceber a dificuldade em determinar a origem do sábado. Se aceitarmos a interpretação literal dos primeiros versículos de Gênesis 2, a tarefa parece fácil. Porém, muitos estudiosos propõem teorias de que o sábado teria se originado fora do povo que veio a ser Israel. Para esses estudiosos, o relato da criação conforme, Gn 1, não deve ser interpretado de forma literal. Não iremos detalhar aqui todas as teorias, apenas demonstrar a dificuldade em que este dia está envolto, já em relação ao seu surgimento.

A discussão é grande e não teremos uma certeza absoluta sobre o surgimento deste dia. A teologia da criação exposta na Bíblia pode ter surgido através do povo que depois viria ser Israel. Porém há evidências maiores de que tenha surgido entre outros povos, sendo que o povo que depois foi chamado de Israel assimilou este dia. O que sabemos ao certo é que a instituição sabática tornou-se muito forte em Israel, principalmente depois do exílio.

Em seguida faremos a análise de uma perícopes do evangelho de Marcos (2.23-28), que é central sobre o tema do sábado, pois nela Jesus expõe de forma clara o critério com que todos os demais textos sobre o tema deverão ser interpretados.

Assim, a pesquisa está dividida em dois capítulos. O primeiro aborda o sábado no período do Antigo Testamento, e o segundo faz uma análise exegética de Mar 2.23-28, na qual Jesus estabelece o critério para compreensão correta do sábado.

1 AS DIFERENTES MANEIRAS DE ESTRUTURAR O TEMPO NAS ANTIGAS CULTURAS E A POSSÍVEL RELAÇÃO COM O SÁBADO JUDAICO

Este capítulo é dedicado ao estudo do sábado no Antigo Testamento, em especial às suas possíveis origens. Na visão do livro de Gênesis, o sábado é uma data de extrema relevância, pois celebra a abertura da história da humanidade com o fato da semana da criação, culminando no sétimo dia. Ele fornece a unidade de tempo adequado para medir o desenvolvimento da história, expresso em sua sequência cronológica. A história do sábado regula o tempo quantitativa e qualitativamente, como foco na ação redentora de Deus, manifestada através de seu povo. De acordo com o testemunho bíblico, a origem do sétimo dia tem as suas raízes no fato da criação. Sua função é comemorar a conclusão da criação e a abertura da história humana, ou seja, comemorar a origem do ser humano.

O valor do sábado para o ser humano é a sua perspectiva de sustentar a fé em sentido tridimensional. As facetas do sábado que vamos estudar abrangem a criação, a redenção e a restauração final, o passado, presente e futuro, o ser humano, a natureza e Deus. Todo símbolo participa da realidade que ele representa. A simbologia cósmica do sábado proporciona ao crente a passagem para uma fé universal, uma fé que abarca realidades passadas, presentes e futuras. É significativo que a passagem para o sétimo dia está localizada no ponto de divisão entre o final da primeira narrativa da criação (Gn 1.1–2.3) e o início da segunda, especialmente focada no ser humano e em sua primeira casa (Gn 2.4–25). Esta localização do sétimo dia como uma linha divisória serve para comemorar e inaugurar a história humana.

1.1. Etimologia

Para começar, faremos uma exposição sobre a importância do sábado no Antigo Testamento. Percebemos isso já no início na Bíblia Sagrada, com o nome do primeiro livro. A palavra *Gênesis* é uma transliteração a partir do grego da Septuaginta/ LXX, e significa “fonte, origem”. O hebraico traz aqui a palavra *bereshit*

– “no principio”. O nome deste livro prepara o terreno para a plena compreensão da fé bíblica¹.

Conforme Gn 2.3, o sábado se caracteriza pelo descanso do criador. O verbo “descansar”, aqui utilizado, nos leva a uma complicação: o que significa exatamente? O léxico menciona os seguintes sentidos: repousar, fazer cessar, descartar, fazer fracassar, celebrar, guardar o sábado, afastar-se, sofrer necessidade, guardar, tirar, acalmar ou aquietar. Com esta breve análise dos significados, percebemos a dificuldade em saber a forma exata do seu sentido. Porém a maioria dos estudiosos concorda que se não trata de descansar. O peso da opinião favorece a ideia de cessar, parar, fazer uma pausa².

O termo grego *σάββατον/sabatton* é a transliteração do hebraico *שַׁבָּת* (*shabbat*). A palavra é encontrada tanto no singular quanto no plural. Afirma de Vaux:

Esse substantivo só é empregado na linguagem religiosa, para designar o sétimo dia da semana (frequentemente), também a semana inteira, Lv 23.15 (caso único e duvidoso), por extensão, o ano sabático que ocorre a cada sete anos, Lv 25.2, 8, 34, 35, 43. Uma forma longa, *sabbaton*, designa alguns dias de festa e de repouso, que não caem necessariamente em um dia de sábado³.

A origem da palavra hebraica não é certa. Provavelmente significa cessar, repousar. Conforme Gn 2.2-3: “Assim foram acabados os céus e a terra, com todo o seu exército. Ora, havendo Deus completado no dia sétimo a obra que tinha feito, descansou nesse dia de toda a obra que fizera”⁴. Conforme esse raciocínio, o sábado estaria ligado com o momento da criação divina.

Porém, este é o único relato sobre o sábado em todo o livro de Gênesis. Não há outros relatos sobre o sábado na história dos patriarcas, mencionando que estes tenham guardado o sábado. Conforme a teoria das fontes⁵ e o estudo histórico-

¹ LASON, William Sanford, David A. Hubbard, Frederic W. Bush. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p.16.

² GRONINGEN, Gerard Van. O Sábado no Antigo Testamento: Tempo para o Senhor, tempo de alegria Nele: In: *Fides Reformata*. São Paulo: Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper, 3/2 (1998), p.156.

³ De VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p.512.

⁴ Bíblia João Ferreira de Almeida Atualizada.

⁵ Na época Patrística, Moisés era considerado o autor do Pentateuco devido à influência do helenismo, para o qual as grandes obras não podiam ser anônimas. Na Idade Média, acontece uma evolução: começou-se a buscar o sentido literal da Bíblia e a autoria do Pentateuco foi contestada, pois certos textos dificilmente podem ser atribuídos a Moisés. A partir disso, surgiu a Teoria das

crítico, foram identificadas quatro principais fontes literárias na elaboração destas tradições: o Javista (J), o Eloísta (E), o Deuteronomista (HD) e o Escritor Sacerdotal (P). Seguindo essa hipótese, o Gênesis pertenceria aos Escritos Sacerdotais, e teria sido redigido no século VI ou V a.C., sendo, então, um texto posterior ao exílio babilônico. Mas obviamente trata-se de uma tradição muito mais antiga, portanto, independente do momento em que os textos foram escritos ⁶.

Para Gottwald, os livros de Gênesis a Números foram obras do escritor sacerdotal, simbolizado como P, e teria sido escrito no final do exílio ou no início da restauração, por volta de 550-450 a.C. O escritor estava interessado em completar as antigas tradições com material para a constituição institucional e ritual de Israel, para que a comunidade religiosa estivesse separada de todos os outros povos. O escritor P ancorou a epopeia num relato bem-ordenado da criação e desenvolveu amplamente as feições rituais da observância do sábado, a circuncisão, as cláusulas dietéticas, o tratamento das enfermidades e as instruções sobre o sacerdócio e os sacrifícios. Há antigos elementos tradicionais em P, talvez se baseando, em última análise, em fontes orais, as quais esclarecem enormemente o período pre-monárquico. Todavia, a autoridade de P constitui-se em testemunho da emergência de uma tradição sacerdotal reforçada no Israel tardio monárquico, exílico ou pós-exílico⁷.

Fontes. SKA, Jean Louis. *Introdução à leitura do Pentateuco*: chaves para a interpretação dos primeiros cinco livros da Bíblia. Coleção Bíblica Loyola: 37. São Paulo, Loyola, 2003, p.304

Teoria das fontes é uma hipótese que procura separar as várias “fontes” subjacentes ao presente texto do pentateuco. Enfatiza que a torá é fruto de quatro fontes e pode ser dividido por assuntos, pelo uso dos nomes de Deus (*Yahweh e Elohim*) e pela duplicação de seu conteúdo. A fonte javista – narra o começo de Israel, desde a criação do mundo até, ao menos, o linear da entrada de Israel em Canaã e foi composta por volta de 960-930 a.C. este escritor preferência designar o Deus de Israel pelo nome próprio *lahweh*. Desta forma, o autor desconhecido é denominado o Javista ou escritor Javista simbolizado por (J). Eloísta (E) – após a desagregação da monarquia unida, no período de 900-850 a.C., outro escritor contou a narrativa primitiva de Israel. Este escritor escolheu possivelmente o nome de *Elohim* para o Deus de Israel no período antes de Moisés, por causa da crença de que o nome de *lahweh* foi primeiramente dado a Israel por Moisés. Este escritor anônimo é denominado Eloísta (E). A História Deuteronomista (HD) – desenvolve um estilo de instrução que imprimia no povo o significado da obediência à aliança com *lahweh*, conforme expressa nas leis antigas a respeito de justiça social e fidelidade religiosa. Os livros de Deuterônimo a Reis, são escritos atribuídos a História Deuteronomista (HD), e são assim conhecidos por conter a narração da segunda lei dada a Moisés além do Jordão. O escritor sacerdotal (P) – compreende os livros de Gênesis a Números, foi escrito no final do exílio ou de início da restauração de Israel, por volta de 550-450 a.C. Este escritor completou as antigas tradições, salientando a constituição institucional e ritual de Israel como comunidade religiosa separada de outros povos. GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988, p.111-114.

⁶ GOTTWALD, 1988, p.25-26.

⁷ GOTTWALD, 1998, p.113.

A identidade do povo judeu forjou-se ao longo de muitos anos e em muitas culturas.

Devemos imaginar que, na Palestina, Babilônia, no Egito e talvez em alguns outros países vizinhos, se formaram comunidades religiosas de judaítas que se orientavam crescentemente em seu Deus Javé, mantendo distância do ambiente que as cercava. Por via de regra, elas deviam ter tido uma vida bastante suportável. Na cidade babilônica de Nippur foram encontrados documentos comerciais de uma casa bancária pertencente à Murashu. Esses documentos também contêm nomes judeus. Ao que tudo indica, famílias judaítas na Babilônia eram dignas de crédito. Isso pode ser evidência de um certo processo de adaptação e absorção (cf. Jr 29.5- 7: “Construí casas [...] plantai pomares [...], tomai para vós mulheres [...]”). De fato, não podemos contar com cem por cento de preservação da identidade. Somente os mais resolutos e as pessoas com marcas espirituais mais fortes é que se mantiveram, tanto na dispersão quanto na pátria, a Palestina, inflexivelmente apegados à doutrina tradicional e aos retos costumes; na maioria das vezes, no entanto, também eles desenvolveram a doutrina e os costumes somente no diálogo com o novo contexto. A tendência básica de comunidades de emigrantes, no entanto, é conservadora⁸.

O povo israelita se adaptou às culturas com as quais conviveu nos diferentes períodos de sua jornada. Veremos algumas destas adaptações, onde estão possíveis origens do sábado.

1.2 Possíveis origens do sábado

Gottwald afirma que os historiadores críticos que estudam cuidadosamente o Antigo Testamento através de métodos aplicados no estudo de qualquer texto literário seriam capazes de descobrir as origens verdadeiras e o desenvolvimento das ideias e práticas religiosas israelitas/judaicas. A verdade religiosa da Bíblia Hebraica só poderia ser trazida à luz quando considerada como a religião de um povo particular, numa época e lugar particulares. Mesmo que isso pudesse trazer inquietação para as opiniões tradicionais sobre a Bíblia nos círculos religiosos, os

⁸ GERSTENBERGER, Erhard. *Teologias no Antigo Testamento: Pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Editora Sinodal/CEBI, 2007. p. 251-252.

historiadores críticos consideravam como sua obrigação intelectual, até como seu dever religioso, informar a crentes e não-crentes do mesmo modo, a respeito da realidade histórica das origens do Antigo testamento e da fé israelita/judaica⁹.

Os textos do Pentateuco, como vimos anteriormente, tiveram pelo menos quatro autores diferentes. Desta forma se poderia explicar as influências recebidas dos povos circunvizinhos na formação dos estatutos e do calendário ao longo dos anos. Os textos sobre as festas das ceifas, do trigo, da “colheita”, que é feita no final do ano, são de caráter agrícola e não estão ligadas a um determinado dia, porque elas dependem dos trabalhos do campo que variam um pouco segundo as condições meteorológicas. Esta flexibilidade na data abre precedente para a flexibilização do shabat¹⁰.

Alguns textos babilônicos falam de dias nefastos.

Há, por outro lado, uma palavra acadiana, shapattu, que designa o dia do meio do mês, o da lua cheia, e que é um "dia de apaziguamento do coração (para os deuses)", um dia propício. Ora, em alguns textos do Antigo Testamento, o shabat é posto em paralelo com a lua nova, como dois dias de descanso, II Rs 4.23; Is 1.13; 66.23; Os 2.13; Am 8.5. Nesses textos, shabbat poderia, pois designar a lua cheia e, de fato, o Salmo 81.4 emprega da mesma maneira a palavra rara kese', "lua cheia"¹¹.

A incerteza do sábado é maior quando a origem é procurada na Mesopotâmia. É comumente aceito que os dias nefastos¹² da Babilônia foram religiosos. Observa-se que os textos cuneiformes não dizem que, nestes cinco dias especiais do mês, todos têm que descansar, abster-se de trabalho ou adorar os deuses. Ele apenas proíbe certas pessoas, como o rei e os médicos, de fazer certas coisas específicas nestes cinco dias prejudiciais.

A primeira menção do sábado é feita com a queda do maná em Êx 16. 22 ss. Ali ele é apresentado como uma instituição já conhecida. A legislação do Sinai, portanto deu força legal a um costume já existente.

De Vaux argumenta que:

⁹ GOTTWALD, 1998, p.95-97.

¹⁰ VAUX, 2004, p.509.

¹¹ VAUX, 2004, p.513.

¹² Textos babilônicos designam como dias nefastos, dias maus, ruins, os dias 7, 14, 21 e 28 de um mês, nestes dias o rei não deve comer carne cozida, não deve trocar de roupa, nem vestir roupas brilhantes e não deve exercer soberania.

As duas principais festas de Israel, a Páscoa e as Tendias, eram celebradas na lua cheia do primeiro e do último e do sétimo mês e que mais tarde, a festa de Purim será fixada na lua cheia do 12 mês¹³.

Israel conheceu o sábado do meio do mês, com a característica de uma festa alegre. Ezequiel teria sido quem introduziu a ideia de um dia de repouso após seis dias de trabalho, (Ez 46.1), e a fazer do sábado semanal o símbolo da Aliança com lahweh, Ez 20.12,20¹⁴.

De Vaux afirma que é evidente a semelhança entre a palavra *shabbat* e a palavra *sapattu* em acádio, que pode significar o dia que marca um limite do mês em dois. Já em hebraico, *shabbat* pode ter significado originalmente um dia que divide as semanas. “Este teria sido um encontro de sentido vindo de uma etimologia comum. Deve-se, em todo caso, reconhecer que o sábado israelita é independente do calendário babilônico, e do calendário lunar em geral”¹⁵, pois é uma instituição muito antiga em Israel, anterior à adoção do calendário babilônico, o que acontece pouco antes do exílio.

Do texto de Êx 34.8-26 podemos concluir que havia em Israel, durante a monarquia, um catálogo de festas que registrava as festividades a serem observadas regularmente. Nesta passagem foram incorporadas quatro normas de uma série de ordenanças para dias especiais do ano. Elas mencionam o sábado, a apresentação dos primeiros frutos, a festa dos Pães Ázimos e a festa das Semanas (Êx 34.18, 21, 22, 26). A festa dos Pães Ázimos foi originalmente uma festividade agrícola cananeia que os israelitas adotaram, e o javismo incorporou, ligando a lahweh e vinculando com o êxodo do Egito (Êx 23.15, 34.18). Era realizada no começo da colheita da cevada, no mês de Abib e durava sete dias. Visto que ela começava “no dia seguinte ao sábado” (Lv 23 11-15), coincidia exatamente com a semana¹⁶.

Porém Fohrer afirma que o sábado já era observado na época do nomadismo¹⁷ ou seminomadismo. Não é possível estabelecer uma data, pois existiam tribos que já trabalhavam na agricultura enquanto outras ainda não. Porém, o que se pode afirmar sobre o sábado é que deveria ser um evento muito importante. Na situação de pequenos rebanhos, o trabalho dos pastores era uma

¹³ VAUX, 2004, p.513.

¹⁴ VAUX, 2004, p.513.

¹⁵ VAUX, 2004, p.514.

¹⁶ FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo: Paulus, 2008, p.261.

¹⁷ Nomadismo, termo que designa gênero de vida nômade.

questão de sobrevivência, pois eles viviam no deserto ou na estepe. Desta forma, o mandamento era uma motivação ao trabalho. Pode-se ver este intuito na grande quantidade de textos que falam do trabalho em seis dias. Este mandamento, da mesma forma que impedia o trabalho, contém uma dimensão social ainda maior: o relacionamento com os demais clãs, as reuniões para resolver questões de ordem familiar, lembrar a história com os grupos e trocas de experiências. Este dia era necessário para que houvesse uma ruptura com o trabalho e para que o individualismo não destruísse a comunhão entre os clãs. Da mesma forma servia para cultivar a comunhão entre lahweh e Israel como povo de lahweh, ou seja, também era um dia em que o culto tinha a intenção de promover o reconhecimento da soberania de Deus e fortalecer e aprofundar a comunhão com Deus.

A argumentação de Schmidt é de que devemos olhar para o Escrito Sacerdotal para compreender o sábado. Ele argumenta:

A importância que no Escrito Sacerdotal se confere à circuncisão e à santificação do sábado como “sinais” e, portanto, como características distintas da fé em Javé, só se compreende a partir da situação da época exílica. O costume certamente antiquíssimo da circuncisão também existe entre os vizinhos orientais de Israel (Jr 9.24ss), mas já Abraão é quem recebe o mandamento da circuncisão como sinal de uma “aliança perpétua”: todo recém-nascido do sexo masculino deve ser circuncidado no oitavo dia de vida (Gn 17.9ss. cf.Lv12. 3). Em contrapartida, a observação do sábado já se anuncia por ocasião da criação, quando Deus descansa no sétimo dia, o abençoa e santifica (Gn 2.2s). As pessoas da época dos primórdios e dos patriarcas, todavia, ainda desconhecem o sábado¹⁸.

É importante lembrar que não existiam métodos fixos de contagem do tempo, de meses e anos na época do Antigo Testamento. Cada nação possuía seu próprio tipo específico de calendário. O Antigo Testamento reflete dois ou mais desses tipos de contagem. Além disso, a lua frequentemente era vista como um elemento de controle de tempo. Foi descoberto, porém, que em tempos remotos os doze ciclos lunares eram menores que um ano completo. Provavelmente o padrão seguido na determinação da ocasião das festas de um modo geral foi tomado por Moisés, sob a direção de Deus, das nações com as quais Israel tinha contato¹⁹.

Partindo desta perspectiva, é provável que o sábado não tenha sido formulado por Israel, mas que era um sinal entre deus ou deuses de vários povos,

¹⁸ SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p.98.

¹⁹ GRONINGEN, 1999 p.160.

pois Israel era um povo nômade, que depois veio a ser chamado Israel. Com o passar do tempo, este dia foi sendo um dia distinto para este povo nômade. Na medida em que foi se tornando povo de Israel, foi se transformando em um dia sagrado. Von Rad sinaliza para isto também²⁰.

Fohrer afirma:

[...] estudiosos têm proposto a existência de uma tradição de culto de Jerusalém, que se originou através da transferência, para lahweh, de uma série de elementos que pertenciam à religião pré-israelita de El. Supõe-se que essa tradição deixou seu sinal em diversas passagens dos Salmos e dos profetas. Schmidt inclui entre esses elementos a noção de El como criador, senhor dos deuses e Deus do universo, a ideia de uma montanha de Deus e a tradição de uma batalha contra o caos [...] embora as ideias ou motivos citados por SCHMIDT possam ser muito antigos e estar enraizados em literatura não israelita, não se trata de uma tradição uniforme, mas de noções ou motivos isolados que não entraram para o pensamento israelita senão bem mais tarde, e que os motivos adicionais mencionados acima não tem origem fora de Israel. Visto que os motivos mitológicos antigos não foram tomados por empréstimo por Israel senão bem mais tarde, no período pós-exílico, e a evidência do Antigo Testamento com respeito a eles se aplica só a esse período, e visto que, acima de tudo, o motivo da luta contra as nações não é mitológico, e é também um produto do período tardio, a hipótese de uma tradição de culto independente de Jerusalém não pode ser mantida²¹.

De Vaux diz que “o sabá é uma instituição muito antiga em Israel, muito anterior à adoção do calendário babilônico, o que aconteceu pouco antes do Exílio”²². Se considerarmos que o sábado foi estabelecido com a criação, então ele foi estabelecido primeiro, e os outros povos foram modificando e estabelecendo esse dia no decorrer dos anos em seu modo de vida.

Com este rápido estudo, percebemos que em vários povos havia um dia separado. O que faremos agora é rastrear as informações que se tem do sábado na Escritura Sagrada, mais especificamente no Pentateuco.

1.3 Sábado no Pentateuco

²⁰ RAD, Gerhard, Von. *Teologia del Antigo Testamento vol. II Teologia de las tradiciones proféticas de Israel*. Tercera Edición Salamanca: Ediciones Sígueme, 1971, p.34.

²¹ FOHRER, 2008, p.260-261.

²² VAUX, 2003, p.514.

Conforme o judaísmo, o Pentateuco contém os principais fatos da revelação divina. Os judeus atribuem à Torá maior autoridade e santidade que ao restante das Escrituras. Os blocos que formam o Pentateuco contém promessa, eleição, livramento, aliança, lei e terra.

O Pentateuco consiste em algumas unidades independentes de tradição. Essas unidades foram coletadas e depois moldadas de acordo com temas e perspectivas chave. [...] O Pentateuco é uma antologia de uma grande variedade de literatura, relatos, leis, rituais, exortações, sermões e instruções, não foi escrito por uma pessoa em uma década determinada.[...] Antes, é o produto de uma comunidade de fiéis ao longo de muitos séculos²³.

A observância do sábado era uma lembrança de que Deus havia remido a Israel do cativeiro egípcio e santificado a ele como seu povo santo (Êx 31.13, Dt 5.12-15). Tendo sido liberado do cativeiro e da servidão, Israel dispunha de um dia de cada semana para dedicá-lo a Deus, o que sem dúvida não havia sido possível enquanto seu povo tinha servido seus senhores egípcios. Inclusive seus servos estavam incluídos na observação do dia de descanso. Prescrevia-se um castigo extremo para qualquer pessoa que deliberadamente desprezasse o sábado (Êx 35.3; Nm 15.32-36). Pois o sábado é um dia para lembrar a misericórdia de Deus, um dia para relembrar a exigência, de ser misericordioso e para distribuir graça.

Fohrer menciona o estabelecimento de Israel na terra prometida da seguinte forma:

Depois que eles se estabeleceram na Palestina, a organização nômade de clãs e tribos tornou-se antiquada. Em sua nova situação, os clãs e tribos transformaram-se em associações regionais. Uma pessoa não mais pertencia a um clã ou tribo em virtude de seu nascimento; o que importava era o seu estabelecimento em certa cidade ou território. Assim, tornou-se possível incorporar membros de outras tribos e cananeus; por outro lado, também israelitas vieram a estabelecer-se em cidades cananéias. Além disso, formou-se gradualmente uma nova estrutura, determinada por considerações econômicas. Os anciões do clã perderam a sua influência. Seu lugar foi tomado pelos grandes latifundiários. Estes reduziram os habitantes locais que possuíam pequenas ou médias propriedades a um estado de dependência, ocuparam as posições oficiais e, frequentemente, formaram uma espécie de nobreza²⁴.

²³ LASON, 1999, p.13-14.

²⁴ FOHRER, 2008, p.76.

Este estabelecimento não apenas fixou Israel em um lugar, mas também cristalizou sua cultura, seus costumes, sua religião. Desta forma, o sábado não era visto como sendo uma lei, mas como uma regra de conduta, pois expressa, assim como o restante do decálogo, a vontade de Deus. Há considerável evidência para a contínua construção de séries de mandamentos e proibições dentro do nomadismo ou seminomadismo no antigo Oriente Médio (cf. Lv 18.7ss; 2.4; 3). “São regras de conduta, e, elas concordam com uma das características do javismo, que não é uma religião de leis, mas uma religião de vida, segundo normas santificadas, que expressam a vontade de Deus”²⁵.

Embora o calendário israelita do período anterior ao Estado não tenha sido preservado, é possível identificar diversas festividades que foram celebradas em Israel. Onde quer que o tempo fosse contado pela lua (em meses), o dia da lua nova era visto como um dia especial. Quando encontramos a festa da lua nova no Antigo Testamento, ela já é uma festa de lahweh. Sendo um dia de descanso, é frequentemente mencionada em conexão com o Sabbath.

O sábado é o último dia da semana de sete dias, no qual cessa todo o trabalho. Desde muito cedo, ele se tornou uma festa de lahweh, se não o foi desde o começo (Ex 20.10; Dt 5.14; e passim). O Antigo Testamento não possui informação historicamente precisa acerca de sua origem.

O número sete foi usado como número redondo para determinar pequenas divisões regulares de tempo (semanas); neste caso, o último dia foi colocado à parte. O *Sabbath* como já vimos pode derivar de *sabat*, “cessar”.

Da mesma forma como Jz 9.27 fala de uma festa de vindima Cananéia no outono, também Jz 21.19ss; 1Sm 1.3ss falam de uma análoga festa israelita nas vinhas e no templo de Silo. Isso sugere a hipótese, segundo a qual, neste período, os israelitas tomaram dos cananeus as três festividades de peregrinação do território habitado, mencionadas nos calendários das festas posteriores e as celebraram como festas de lahweh. As festas são: a festa dos Pães Ázimos, a festa da Colheita e a festividade da vindima.²⁶

A degradação de Israel é tamanha que o sumo sacerdote Hilquias acha o livro da lei (2Rs 22. 8²⁷). Este texto veterotestamentário provém provavelmente da Obra Historiográfica Deuteronomística, e, para os deuteronomistas, Josias foi a figura

²⁵ FOHRER, 2008, p.106.

²⁶ FOHRER, 2008, p.148.

²⁷ O sumo sacerdote Helcias disse ao secretário Safã: “Achei o livro da Lei na Casa do SENHOR!” Helcias deu o livro a Safã, que também o leu.

regia central depois de Davi, comparável a nada. Todavia, deve-se arriscar uma tentativa: nem tudo é deuteronomista e nem tudo é duvidoso²⁸. A reforma política e religiosa de Josias foi marcada pelo aparecimento do livro sagrado, cujos efeitos sobre a história da religião e do pensamento de Israel, do judaísmo, do cristianismo e do islamismo não podem ser suficientemente valorizados²⁹. “Se pudermos dar crédito ao relato de Jr. 29, o profeta Jeremias aconselha por incumbência de Iahweh as pessoas a se preparem para um longo cativeiro, e desta forma o exílio produziu uma profunda reflexão do povo”³⁰. A situação de cativeiro foi um momento impar na vida deste povo, produzindo uma reflexão sobre sua história passada e sua infidelidade à aliança com Iahweh. “Os exilados viviam da lembrança de Jerusalém, e a saudade da pátria, que na segunda geração certamente começou a esfriar, ligou-se com a ideia do culto a Javé mantida viva desse modo (Sl 137)”³¹. No exílio, duas instituições religiosas tornaram-se importantes. Embora já existissem anteriormente, passaram a constituir sinais da aliança: o descanso no sábado (Ez 20.12ss; 22.8,26; 23.38) e a circuncisão (Gn 2.1-4ª P e 17P)³².

Schwantes fala sobre o período de Esdras e Neemias. “Esdras produziu uma obra de releitura da lei, de ressignificação da Bíblia e provavelmente imediatamente posterior às ações de Neemias”³³. E a lei é ponto efetivo para que isso aconteça. “Mas, esta cidade de Jerusalém e a sociedade de Judá só se podem inserir neste convívio social, caso mantenha o cumprimento da lei, estabelecendo sua própria identidade”³⁴. A observância da lei é de extrema necessidade para aquele povo se reestabelecer como liberto novamente. Esdras analisa a história da redenção desde o chamado de Abraão, passando pelo Êxodo até a conquista de Canaã. Esdras vê a restauração como uma nova salvação e sequencia a história trazendo a lembrança da fidelidade da aliança.

Israel celebra a páscoa assim que a reconstrução do templo termina (Ed 6.19-22), e a festa das tendas, logo após (Ne 8.14-18). Esdras impõe a lei como norma a ser observada para não ocorrer um novo exílio. Israel tinha raízes antigas, antes de ser nação era povo de Deus.

²⁸ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. 2 volume, 5ª edição. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010, p.377.

²⁹ DONNER, 2010, p.391.

³⁰ DONNER, 2010, p.425.

³¹ DONNER, 2010, p.437.

³² DONNER, 2010, p.438.

³³ SCHWANTES, Milton. *Breve História de Israel*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2010, p.76.

³⁴ SCHWANTES, 2010, p.77.

Neemias e Esdras interpretaram a sina do povo como castigo de Javé e aprenderam a compreender o exílio não como o fim do passado, mas como o início do futuro. Entrementes, há fatores negativos, com a observância extremista da lei. Gass relata:

O sentido mais estreito e mais negativo da lei teve seu desenvolvimento no período persa pós-exílio. Nessa época, as leis passaram a ter a importância que antes pertencia a profecia. Na verdade, a lei suplantou a profecia e passou a ser identificada com o Pentateuco. A aplicação rigorosa das leis que constam nos cinco primeiros livros da Bíblia, naturalmente levou a exclusão de pessoas e grupos sociais. É que ali constam, por exemplo, os critérios de pureza e impureza³⁵.

Esta prática foi intensificada e persistiu com o período persa. Donner argumenta:

Nas questões da vida intelectual e religiosa dos povos subjugados, de sua peculiaridade e tradição, eles se evidenciavam como “tolerantes”. Não procuravam intervir para regular e uniformizar, mas promoviam a religião e a cultura dos povos sujeitados e não raro, até lançavam mão do recurso do decreto imperial para ordenar que os subjugados cultivassem suas tradições³⁶.

Os judeus atribuíam maior autoridade e santidade ao Pentateuco, ou seja, consideraram-no como a base de sua fé. Analisaremos livro por livro, o sábado no Pentateuco, para encontrarmos a observância deste dia ao longo dos séculos. Pois este compêndio de livros traz a formação, a evolução, deste povo que foi escolhido por Deus.

1.4 O sábado no livro do Deuteronômio

Conforme o livro do Deuteronômio, o sábado tinha o propósito de recordar a libertação do Egito. Ao recordar seus dias de escravidão, Israel seria estimulado a tratar com misericórdia qualquer homem, mulher ou animal envolvido em serviço diário. Deuteronômio 5.6-21 relata a aliança entre Deus e o ser humano. O texto

³⁵ GASS Ildo Bohn. *Exílio babilônico e dominação persa*. São Leopoldo/São Paulo: CEBI/Paulus, 2004, p.124.

³⁶ DONNER, 2010, p.446.

relata uma teologia histórica. Os versículos 6-21 contêm o decálogo. “Estes mandamentos tem sido normativos tanto para Israel quanto para a Igreja cristã através dos séculos”³⁷. Basicamente o decálogo afirma duas grandes obrigações, uma para com Deus e outra para com o semelhante. A violação de uma das duas era uma violação do indivíduo para com Deus.

Deuteronômio foi moldado por um longo crescimento orgânico de suas tradições a partir de cerimônias de renovação da aliança e recitações da lei, e algumas formas de sua lei, contidas nos capítulos 12-26.28, surgiram como a plataforma para a reforma de Josias. A prosa, tanto na estrutura como nas expansões exortativas da lei, está escrita em estilo retórico, assinalado por longas sentenças prolixas construídas a partir de frases estereotipadas e ligadas por orações subordinadas (ao contrário da sintaxe paratática usual do hebraico)³⁸. Mostra ainda sinais copiosos de longo processo de crescimento, mediante expansões e suplementação de textos no processo de recitação cultual e no processo de redação conforme foi prefaciado pelo autor da HD. A estrutura do Deuteronômio é composta por cerimônias de conclusão da aliança ou da sua renovação. O arranjo básico é a aliança do Sinai, uma exposição da lei, uma proclamação do estabelecimento da aliança e uma exposição de bênçãos e maldições com exortações, poemas e narrativas anexados que ajustam o documento a sua função como uma introdução para Josué e 2Reis (29-34). Deuteronômio foi formulado por diversas influências. A procedência cultual da aliança-lei do livro constitui-se no fundamento necessário para qualquer hipótese.

A medida que esta corrente de aliança-lei da tradição entrou para as instituições régias de Ezequias e de Josias que ela se tornou parte visível e eficaz da vida religiosa nacional em Judá. Nesse contexto, os sacerdotes levíticos em Jerusalém e os funcionários da corte (tão salientes nas reformas de Josias, 2Rs 22,3-4.8-14) foram sem dúvida colaboradores em realizar reformas e em moldar o texto do Deuteronômio. Dessa forma, linguagem de sabedoria e de tratados neo-assírios desempenharam um papel na conceptualização da aliança. Ao mesmo tempo, a pregação dos profetas do século VIII, Amós e Oséias no norte e Miquéias e Isaías no sul, havia sensibilizado sacerdotes e funcionários do governo para as urgências

³⁷ THOMPSON, J.A. *Deuteronômio Introdução e comentário*. Série Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.113.

³⁸ GOTTWALD, 1988, p.278.

de justiça socioeconômica, que encontrou igualmente forte expressão nas leis do Deuteronômio³⁹.

O livro pode ser considerado como um longo processo de execução da aliança e sua recitação da lei por um sacerdócio atingindo a sua "descoberta" no templo, no reinado de Josias, não precisa ser considerada como "fraude" a fim de confirmar a autoria mosaica. Os profetas haviam sido impelidos ao silêncio durante o reinado sincretizado de Manassés.

O programa de reformas teve impacto sociopolítico de longo alcance. A reforma iniciada em 622 a.C. afirma que todos são irmãos. Este é um dos conteúdos de relevância em Deuteronômio. Josias recuperou os territórios abandonados pelos assírios e foi legitimada ideologicamente pelo livro. A capital Jerusalém prosperou com o aumento de peregrinos, pois passou a ser o único local de culto sacrificial.

Discute-se se, de fato, a antiga tradição deuteronomica do norte controlava sempre culto exclusivo num lugar, tal como Siquém. De qualquer maneira, fazendo da centralização do culto em Jerusalém a pedra angular das reformas, Josias fortaleceu magistralmente o poder administrativo e religioso de Jerusalém.

O estilo sonoro, quase que hipnotizante, litúrgico do Deuteronômio e de passagens interpretativas de HD⁴⁰ apresenta mensagem coerente solene a respeito da unidade indivisível de um só Deus para um só povo, numa só terra, observando um só culto⁴¹.

“É preciso lembrar que os textos bíblicos que têm sido escritos sobre a época tribal nos sec. XIII até XI (Josué e Juízes), foram redigidos, concluídos literalmente, justamente nesta época de exílio e pós-exílio, pela escola deuteronomista”⁴².

Von Rad relata que o autor deuteronomista apresenta uma novidade absoluta, pois não apresenta apenas palavras, leis, normas, mandamentos e decretos, mas o autor as designa como a lei de lahweh. Esta capacidade de considerar como sendo “a lei” e como uma unidade teológica, abre caminho a uma concepção nova e importante que reunia em si toda a reflexão anterior. Todas as instituições particulares agora são consideradas como parte de uma nova revelação da vontade

³⁹ GOTTWALD, 1988, p.279.

⁴⁰ Tradicionalistas do reino do norte, talvez já em tempos do escritor Eloísta (E), iniciaram um estilo de instrução que imprimia ao povo significado de obediência a aliança com lahweh. Estilo este altamente didático e exortativo. Estes tradicionalistas foram então chamados de Deuteronomistas (D) por sua clareza no Livro de Deuteronômio, por sua vez HD abreviatura utilizada para falar da História Deuteronomica.

⁴¹ GOTTWALD, 1988, p.279.

⁴² SCHWANTES, 2010, p.54.

divina, fundamentalmente indivisível⁴³. “Esta compreensão da lei acontece no período pós-exílico. Como é natural, se trata de um processo lento e em parte imperceptível”⁴⁴.

1.5 O sábado no livro do Êxodo

Acreditamos ser importante verificar outros textos sobre o sábado no Pentateuco. O decálogo de Êxodo (20.1-17) é um deles. Conforme Zenger:

O texto bíblico dos Dez Mandamentos possui uma dignidade singular: 1- Ele é transmitido duas vezes. 2- Ele é o único texto em que Deus fala direto e sem mediações para o povo todo. 3- Sua formulação é escrita pelo próprio Deus sobre as placas de pedra (cf. Ex 24,12; 31,18; 32,15; Dt 5,22). Por isso seria de esperar que os dois textos coincidissem palavra por palavra, pelo menos quando ambas as versões remontam ao mesmo círculo de autores⁴⁵.

Êxodo é elaborado com uma teologia criacionista, e o texto de Deuteronômio, com uma teologia histórica. A *Torá* é para Israel o centro da vida e do pensamento. O Êxodo contém a doação da lei e o próprio cerne da lei sob a forma dos Dez Mandamentos.

A observância do sábado serve como memorial do descanso de Deus depois de Sua grande obra criadora. Para isso Ele usa o termo “lembra-te” (Ex 20.8). É como uma oferta de oportunidades de descanso semelhante aos escravos dos israelitas (Dt 5.14). Seja qual for a fundamentação da observância do sábado para o povo, o que se comemora é um ato de Deus⁴⁶.

1.6 O sábado no livro de Levítico

⁴³ RAD, 1971, p.248.

⁴⁴ RAD, 1971, p.250.

⁴⁵ ZENGER, Erich. *A Sagrada Escritura de judeus e cristãos. In: Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 75.

⁴⁶ COLE, 2008, p.152.

O tema central do livro se encontra em Lv 20.26⁴⁷. Com este texto compreendemos o valor das exigências impostas por Deus. Em Lv 16.31 encontramos o tema do Dia da Expição. A Septuaginta traduziu por “sábado do sábado”, que os intérpretes entendem como um descanso mais santo e mais solene que os outros sábados⁴⁸. Também Lv 19.3⁴⁹ e 19.30⁵⁰ encontramos as normas para as festas, e estas davam aos israelitas a oportunidade de refletir sobre a bondade de Deus. Algumas festas celebravam grandes acontecimentos na história de Israel, nos quais Deus interviera para livrar ou sustentar seu povo.

Encontra-se a palavra “santo” dez vezes no capítulo 23, ressaltando o propósito das festas. Nos versículos 3 e 4 encontramos menção ao sábado, em relação a atos cultuais, o que mais tarde fez-se nas sinagogas (At 13, 14ss: 15, 21). Mas o texto da lei parece que não prescrevia para o sábado prática alguma especial, além do descanso. O sistema das festas constitui-se sobre o ciclo de sete: O sétimo dia era de descanso. O sétimo ano também era de descanso. O sétimo ano sabático era o ano de jubileu. O sétimo mês era especialmente sagrado, com três dias de festa. Havia sete semanas entre Páscoa e Pentecoste. A festa da Páscoa durava sete dias. Assim, as festas deveriam contribuir para que a santidade penetrasse na totalidade da vida do povo.

Nenhuma outra prescrição foi tantas vezes repetida como esta da santificação pelo descanso e cessação de todo o trabalho servil, no dia do Senhor.

1.7 Ano do Jubileu

Depois da observância do ano sabático, chegava o ano do jubileu. Anunciava-se pelo clamor das trombetas no décimo dia de *Tishri*, o mês sétimo. De acordo com as instruções dadas em Lv 25.8-55, o jubileu marcava um ano de liberdade no qual a herança da família era restaurada àqueles que tiveram a desgraça de perdê-la, os

⁴⁷ Ser-me-eis santos, porque eu, o SENHOR, sou santo e separei-vos dos povos, para serdes meus.

⁴⁸ FIGUEIREDO, Antônio Pereira de. *Bíblia Sagrada, comentários e anotações segundo os consagrados trabalhos de Glaire, Knabenbauer, Lesêtre, Lestrade, Poels, Vigouroux, Bossuet, etc.*, Vol. I. São Paulo: Editora das Américas, 1950, p.430.

⁴⁹ Cada um respeitará a sua mãe e o seu pai e guardará os meus sábados, eu sou o SENHOR, vosso Deus.

⁵⁰ Guardareis os meus sábados e reverenciareis o meu santuário. Eu sou o SENHOR.

escravos hebraicos eram libertados e a terra era deixada sem cultivar. Na posse da terra, o israelita reconhecia a Deus como o verdadeiro proprietário dela. Consequentemente, devia ser guardada pela família e passava como se fosse uma herança. Em caso de necessidade, podiam vender-se só os direitos aos produtos da terra. Veremos um quadro das quatro principais celebrações⁵¹.

Nome	Referência no AT	Data no AT	Descrição	Propósito	Referência no NT
Sábado	Êx 20.8-11; 31.12-17; Lv 23.3; Dt 2.12-15	7º dia	Dia de descanso; sem trabalho	Descanso para pessoas e animais	Mt 12.1-14; 28.1; Lc 4.16; Jo 5.9; At 13.42; Cl 2.16; Hb 4.1-11
Ano sabático	Êx 23.10-11; Lv 25.1-7	7º ano	Ano de descanso; campos sem cultivo	Descanso para a terra	
Ano de jubileu	Lv 25.8-55; 27.17-24; Nm36.4	50º ano	Cancelamento de dívidas, libertação de escravos e de servos obrigados por tempo limitado, devolução de terras ao primeiro proprietário	Ajuda aos pobres; estabilização da sociedade	
Dia da Expição (Yom	Lv 16; 23; Nm 29.7-11	7º mês (tisri), 10º dia	Dia de descanso, jejum e sacrifícios de	Purificação dos pecados dos sacerdotes	Rm 3.24-26; Hb 9.7; 10.3, 19-22

⁵¹ LASON, 1999, p.102-103.

kippur)			expição pelos sacerdotes e pelo povo e expiação pelo tabernáculo e pelo altar	e as pessoas e purificar o Lugar Santo.	
---------	--	--	---	---	--

1.8 O sábado no livro de Números

Outro texto concernente ao sábado está em Nm 15.32-36. Ele relata a história do castigo a um homem que estava apanhando lenha. Este homem foi apedrejado até a morte, conforme instruções do próprio Deus a Moisés. Até então só estava estipulado a pena de morte para quem acendesse uma fogueira (Êx 35.1-3). Aqui fica clara a escrita sacerdotal.

O texto de Nm 28.9-10⁵² relata acerca das ofertas que deveriam ser trazidas todos os dias de sábado. “As leis a respeito dos sacrifícios em Nm 28—29 parecem-se com um ritual do século XIV constante no calendário encontrado em Ugarite”⁵³. Em Nm 34 as fronteiras de Canaã estão definidas de forma a corresponderem à província egípcia de Canaã, em textos escritos desde o século XV ao XIII a.C.

1.9 O sábado no livro de Gênesis

Os primeiros capítulos da Bíblia são os que mais trazem problemas e discussões. O relato de Gn 1 tem similaridades com um relato babilônico⁵⁴, não apenas com este, mas com relatos de outros povos.

⁵² (9) No dia do sábado, oferecereis dois cordeiros de um ano, perfeitos, e dois décimos de flor de farinha, em oblação, amassada com azeite, e igualmente a sua libação. (10) O holocausto do sábado se unirá cada sábado ao holocausto perpétuo, e de igual modo a sua libação.

⁵³ WENHAN, Gordon, J. *Números Introdução e comentário*. Serie Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 27-28.

⁵⁴ Relato que encontra uma correspondência notável com o poema babilônico Enuma Elish. FABRIS, Rinaldo. *Problemas e perspectivas das ciências bíblicas*. São Paulo, Loyola, 1993, p.402.

Percebemos que o relato da criação tomou uma forma peculiar com o decorrer da história, passando por reformulações. Porém isso não quer dizer que o seu conteúdo não seja verdadeiro. Segundo Tilich, “todo símbolo participa da realidade que ele representa”⁵⁵. Os dias da criação relatados pela Bíblia Sagrada podem ou não ser literais. A discussão é antiga e existe muito antes de Charles Darwin desenvolver a teoria da evolução.

Podemos situar Gn 1 no VI século a.C., quando o sábado veio a se tornar um sinal diferenciador entre os deportados e os babilônios. A introdução do elemento dos sete dias faz a diferença entre este povo, pois os babilônios não adotavam o ritmo da semana. Os oprimidos puseram sua memória a funcionar, reivindicando o sábado (Ex 34.21)⁵⁶. Por isso é importante frisar que Gn 1 – 11 contém longas tradições da humanidade! “Desta forma podemos dizer que estes primeiros capítulos provém da Mesopotâmia, da Assíria e da Babilônia⁵⁷”. Os deportados para a Babilônia em 597 e 587 a.C. são em torno de 15 mil pessoas, a elite de Jerusalém. Estes são levados a viverem às margens dos rios da Babilônia (Sl 137.1). “Trabalham duro para poder sobreviver e entregar o tributo exigido pelo império babilônico. Notamos que os autores eram ex-elite e agora escravos”⁵⁸.

Os primeiros capítulos de Gênesis contêm como pano de fundo os gemidos e as dores de gente escravizada e sugada ao máximo para a glória do imperador. Portanto, o autor Javista e também o Sacerdotal se atém à fé na salvação e na eleição⁵⁹.

Através deste relato Deus mostra o caminho através da vocação de Abraão e a construção da comunidade, depois da nação de Israel, de tal modo que Israel pudesse ver retrospectivamente a criação e de seguir pela linha que vai do extremo limite do protolítico no coração do soteriológico⁶⁰.

Desta forma, Gn 1 introduz o elemento dos sete dias. Ao fazê-lo, persegue uma intenção. Os babilônios não adotavam o ritmo da semana. Seus dias festivos tinham origens no ritmo da lua e, quando muito erram quinzenais. Os dias de trabalho eram contínuos.

⁵⁵ TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 58.

⁵⁶ Seis dias trabalharás, mas, ao sétimo dia, descansarás, quer na aradura, quer na sega.

⁵⁷ SCHWANTES, Milton. *Gênesis 1-11 Vida, Comunidade e Bíblia*. São Leopoldo/São Paulo: CEBI, 2007, p.15.

⁵⁸ SCHWANTES, 2007, p.22.

⁵⁹ RAD, Gerhard, Von. *EL LIBRO DEL GENESIS. Tercera Edición*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982, p.53-54.

⁶⁰ RAD, 1982, p.54.

O sétimo dia era dia de descanso. Sob as condições da opressão babilônica, os exilados puseram a “funcionar” sua memória. E esta lhes dizia que o Senhor não admite trabalho aos sábados, “quer na aradura quer na sega” (Êxodo 34.21), quer sob as condições da escravidão⁶¹.

Com um dia de descanso, as lembranças surgem, hinos conhecidos são entoados e novos são criados. A literatura do exílio possivelmente tenha sido uma criação sabática. O sábado deveria servir para dois propósitos: enfrentar os desafios e as condições adversas, e, por outro lado, manter viva a possibilidade de retorno. O sábado, então, era um dia para ter esperança.

O sábado é um descanso anterior ao homem existir. Deus abençoou este dia e o santificou, ou seja, o sábado é algo feito, posto à parte, para que o homem sirva a Deus. Este é o motivo para que P não considere o repouso como algo intradivino, mas sim, como um assunto concernente ao mundo, como um terceiro termo existente entre Deus e o mundo. Trata-se de um elevado bem salvífico, pois quando houver uma comunidade funcional, esta é obrigada a guardar este repouso divino (Êx 31.12ss). É necessário lembrar que este relato é reformulado em uma época exílica⁶². “O texto da criação do mundo, em sua natureza, não é um mito ou lenda, e sim, um ensino sacerdotal, um saber antigüíssimo transmitido por vários guardiões de muitas gerações de sacerdotes”⁶³.

A opinião geral hoje é de que “o quadro de sete dias pertence a uma fase posterior da história do texto.” A numeração dos dias tem um lugar fixo na quinta parte da estrutura que delimita o comando de criação. É parte de um arranjo através do qual P preserva uma antiga tradição; estende-se desde o trabalho do primeiro dia que o torna possível, até o sétimo em que atinge o seu objetivo. A sistematização da sucessão das obras de criação já está na numeração dos dias, e isso é algo completamente diferente da sucessão das obras de criação determinada pelo objeto realmente criado⁶⁴ (tradução nossa).

⁶¹ SCHWANTES, 2007, p.33.

⁶² RAD, 1982, p.74-75.

⁶³ RAD, 1982, p.75.

⁶⁴ The general opinion today is that “the framework of the seven days belongs to a later stage in the history of the text.” The numbering of the days has a fixed place in the fifth part of the structure which delimits the creation command. It is part of an arrangement by which P preserves an older tradition; it extends from the work of the first day which makes it possible, right up to the seventh in which it reaches its goal. A systematization of the succession of the works of creation is already in the numbering of the days; and this is something completely different from the succession of the works of creation determined by the object actually created. WESTERMANN, Claus. *Gênesis 1-11: A Continental Commentary*. Minneapolis: Fortress, Press, 1994, p. 88-89.

Deus preparou este dia, o sábado, em benefício da humanidade de todos os tempos, toda vez que fosse necessário, inclusive para o tempo escatológico. Assim, Gênesis 2.1ss fala de uma preparação de um elevado bem salvífico, um descanso para o homem.

O sábado é, sem dúvida, uma data de extrema relevância para a humanidade, pois celebra a abertura da história da humanidade, com o fato dessa semana da criação, culminando no sétimo dia, e fornece ritmo adequado, unidade para medir ou desenvolvimento da história, expresso em sua sequência cronológica. De acordo com o testemunho bíblico, a origem do sétimo dia ou sábado tem suas raízes no fato da criação. Portanto, o sábado foi feito para comemorar a conclusão da criação e abertura da história da humanidade, ou seja, comemorar a origem do ser humano.

Para concluirmos a breve análise sobre a formação do sábado no Pentateuco, nos reportamos à tradição da história de Israel. Com o ato de abençoar e santificar o sábado, Deus expressa seu amor e interesse pela humanidade. Na história da criação, Deus proclamou que o que tinha criado era "bom" (Gn 1.3, 10, 12, 17, 20, 25, 31) e três vezes "abençoou". Estas três bênçãos são dadas em ordem crescente: na primeira, Deus abençoou os animais da água e do ar, que são férteis fisicamente (Gn 1.22); na segunda, Deus abençoou o homem e a mulher, para que fossem férteis e dominassem a terra (Gn 1.28-30); na terceira, Deus abençoou o sábado, para que transbordasse de santidade (Gn 2.3; Ex. 20.11). Esta bênção final atribuída ao sábado é expressão e garantia da plena e total bênção de Deus em sua criação e suas criaturas.

Também von Rad relata neste sentido que a bênção do sábado prepara o caminho para um bem maior, para o bem supremo da salvação⁶⁵. A volta do povo a Jerusalém é marcada pela presença de Esdras, o sacerdote e escriba. Este emerge como líder, mestre, e fala no ensino da lei. Com as muralhas fechadas, o povo podia reunir-se em segurança e em paz. Esdras leu a lei de Moisés durante a festa das trombetas. Todo o povo permaneceu de pé desde o amanhecer até o meio-dia, ouvindo as palavras da lei lidas por Esdras, juntamente com os levitas. Esdras e os levitas dirigiram os serviços públicos, conduzindo o povo a uma longa e significativa oração (Ed 9.6-37). A justiça e a misericórdia de Deus foram devidamente

⁶⁵ RAD, 1971, p. 60.

reconhecidas. Em uma aliança escrita, assinada por Neemias e outros representantes da congregação, o povo fez juramento, obrigando-se a manter a lei de Deus que tinha sido dada por Moisés. Duas leis foram escritas com ênfase: os matrimônios mistos com pagãos e a observância do sábado. Este último, não só impedia toda atividade de comércio no sábado, como também incluía observância de outras festas e a promessa de deixar descansar as terras cada sete anos. Neemias ordenou que as portas de Jerusalém fossem fechadas no sábado. Conclui o relato de seus feitos entusiasmado e zeloso pela causa de Deus, pronunciando uma oração final: “Lembra-te de mim, Deus meu” ⁶⁶.

A formação do mundo, assim como especificamente o sábado, encontramos na cultura semita e na Mesopotâmia. O sábado ativa a memória. Sendo assim, era o tempo para que os escravos organizassem sua vida religiosa. Era preciso manter a possibilidade de retorno para Jerusalém. “O sábado era esta esperança de retorno, por um novo êxodo, por libertação” ⁶⁷.

Por que Jesus entra em confronto com os fariseus por causa do sábado? Como Jesus se posiciona em relação ao sábado? Estas e outras questões serão abordadas no próximo capítulo.

⁶⁶ SCHULTZ, 2009. p.193-194.

⁶⁷ RAD, Gerhard, Von. *Teologia del Antiguo Testamento vol. II Teologia de las tradiciones proféticas de Israel*. Tercera Edición Salamanca: Ediciones Sígueme, 1976, p. 408

2 EXEGESE DE MARCOS 2. 23 – 28

2.1 O sábado nos evangelhos

Os conflitos de Jesus sobre o sábado nos evangelhos giram quase somente em torno do que era permitido ou não realizar nesse dia. Todos os textos tratam de curas no sábado, com exceção de Mc 2.23-28.

Os textos que relatam a ação de Jesus no sábado são os seguintes, de acordo com os evangelhos:

Texto	Mc	Mt	Lc	Jo
O endemoninhado de Cafarnaum	1.21-27		4.31-37	
A sogra de Pedro	1.29-31	8.14-15	4.38-39	
A colheita de espigas	2.23-28	12.1-8	6.1-5	
O homem da mão ressequida	3.1-6	12.9-14	6.6-11	
A mulher encurvada			13.10-17	
O homem hidrópico			14.1-6	
Um parálítico em Jerusalém				5.1-9
O cego de nascença				9.1-14

Outros textos que mencionam o sábado nos evangelhos são os seguintes:

Texto	Mc	Mt	Lc	Jo
Que vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado		24.20		
A ressurreição de Jesus		28.1		
Jesus ensina na sinagoga	6.2			
Jesus na sinagoga			4.16	

Jesus ensina na sinagoga			13.10	
Jesus na casa de um fariseu			14.1	
Preparam especiarias e unguento			23.56	
Circuncisão e o sábado				7.22-23

Jesus, sendo judeu, observou o sábado. Ao mesmo tempo Ele foi extremamente crítico ao sábado. Com a palavra de Mc 2.27 “O sábado foi feito por causa do ser humano e não o ser humano por causa do sábado”, Jesus afirma que a vontade de Deus é sempre promover a vida. Sendo assim, esta perícopie serve de base para a compreensão do sábado em todos os demais textos em que é abordado.

O texto de Mc 2.23-28 demonstra o posicionamento de Jesus em relação ao sábado. Ele não fez declarações abstratas sobre a questão nem estabeleceu princípios teóricos quanto à interpretação da lei. Tal como os rabinos, ele estabeleceu regras com base em situações concretas, e devemos deduzir os princípios básicos de Jesus de narrativas como esta⁶⁸.

Neste capítulo, faremos uma análise exegética da perícopie de Mc 2.23-28. A instituição sabática era interpretada de tal maneira com requisitos e restrições minuciosas, absurdas e vergonhosas, que sua observância não mais era um prazer, porém um fardo. A lei, em vez de estar a serviço, tinha sido transformada em cruel senhor. Jesus restabelece o sentido do sábado. Este deve servir para o bem estar do ser humano, e, portanto, qualquer negligência das necessidades humanas em razão do mandamento do sábado seria uma perversão de seu propósito original.

Jesus estabelece novamente a diretriz primária: todos os que aceitarem o domínio de Jesus estão livres de culpa, e condenados estão os que pensam honrar o sábado ao mesmo tempo em que aderem às tradições rabínicas. Cristo tornou o sábado um símbolo de sua missão redentora. Jesus anunciou o cumprimento do tempo de redenção sabático.

Na sexta-feira santa, Cristo completou sua missão redentora quando disse: “Está consumado” (Jo 19.30). Assim como o repouso sabático ao final da criação

⁶⁸ CHAMPLIN, R. Ph, D. Norman. *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo. V.I Mateus, Marcos*. São Paulo: Candeia, 1995, p.382.

(Gn 2.2-3) expressou o prazer de Deus após a criação, agora o repouso sabático ao final da missão de Cristo expressa o regozijo de Deus a respeito da redenção do ser humano. À luz dos ensinamentos e do ministério de Cristo, o descanso sabático simboliza as bênçãos da salvação que o redentor oferece aos seres humanos sobrecarregados⁶⁹. Esta perícopa demonstra o que Jesus enfrentou por causa do sábado, e contém palavras de extrema importância para compreender o posicionamento de Jesus. Faremos uma análise que nos conduzirá ao sentido teológico das palavras de Jesus.

2.2 Texto

2.2.1 O texto grego

²³ Καὶ ἐγένετο αὐτὸν ἐν τοῖς σάββασι παραπορεύεσθαι διὰ τῶν σπορίμων, καὶ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ ἤρξαντο ὁδοῦ ποιεῖν τίλλοντες τοὺς στάχους.

²⁴ καὶ οἱ Φαρισαῖοι ἔλεγον αὐτῷ· Ἴδε τί ποιοῦσιν τοῖς σάββασι ὃ οὐκ ἔξεστιν;

²⁵ καὶ λέγει αὐτοῖς· οὐδέποτε ἀνέγνωτε τί ἐποίησεν Δαυὶδ ὅτε χρείαν ἔσχεν καὶ ἐπείνασεν αὐτὸς καὶ οἱ μετ' αὐτοῦ,

²⁶ πῶς εἰσῆλθεν εἰς τὸν οἶκον τοῦ θεοῦ ἐπὶ Ἀβιαθὰρ ἀρχιερέως καὶ τοὺς ἄρτους τῆς προθέσεως ἔφαγεν, οὓς οὐκ ἔξεστιν φαγεῖν εἰ μὴ τοὺς ἱερεῖς, καὶ ἔδωκεν καὶ τοῖς σὺν αὐτῷ οὖσι;

²⁷ καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς· τὸ σάββατον διὰ τὸν ἄνθρωπον ἐγένετο καὶ οὐχ ὁ ἄνθρωπος διὰ τὸ σάββατον·

²⁸ ὥστε κύριός ἐστιν ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου καὶ τοῦ σαββάτου.

2.2.2 Tradução

⁶⁹ BACCHIOCCHINI, 1977, p.37.

23 E aconteceu de ele, nos sábados passar através dos campos de cereais, e os discípulos dele começaram a fazer caminho arrancando as espigas.

24 E os fariseus diziam a ele: Olha, por que fazem aos sábados o que não é permitido?

25 Ele diz a eles: Nunca lestes o que fez Davi quando teve necessidade e fome, ele e os com ele

26 como entrou na casa de Deus no tempo do sumo sacerdote Abiatar e comeu os pães da proposição, os quais não é permitido comer exceto aos sacerdotes, e deu também aos que com ele estavam?

27 E dizia a eles: O sábado foi feito por causa do ser humano e não o ser humano por causa do sábado,

28 de sorte que o Filho do homem é senhor também do sábado.

2.2.3 Verificação do aparato crítico

O aparato crítico indica substituições de palavras ou formas verbais e inversões de palavras que não afetam o contexto do texto. Limitamo-nos aqui a descrever duas variantes de alguma importância.

No versículo 26, a frase ἐπὶ Ἀβιαθὰρ ἀρχιερέως (nos dias do sumo-sacerdote Abiatar) é omitida nos manuscritos gregos maiúsculos D,W e poucos outros, na maioria das testemunhas latinas antigas e na versão siríaca sinaítica, provavelmente por influência do texto paralelo de Mt 12.4. ἐπὶ com genitivo significa “nos dias de” (Lc 3.2 ; Hb 11.28).Do ponto de vista histórico, segundo Fernandes

A afirmação não é correta, porque naquele tempo ele desempenha as funções de Ajimelec, pai de Abiatar (1Sm 21.1; 22.20). As tentativas de evitar este problema, veja J.W.Wenham. TS 1(nova serie). A declaração sobre Abiatar ou é um erro primário, ou uma explicação do copista, motivado pelo fato de que Abiatar era mais conhecido que seu pai, por sua associação com David. (Tradução nossa)⁷⁰.

⁷⁰ La afirmación no es correcta, porque en aquel entonces desempeñaba las funciones Ajimelec, padre de Abiatar (1Sm 21.1; 22.20). Para las tentativas de obviar esta dificultad, véase J.W.Wenham: JTS 1(nova serie) La afirmación sobre Abiatar o es un erro primitivo, o uma glosa del copista motivada por el hecho de que Abiatar era más conocido que su padre, por su asociación con David. FERNANDES, Minguez D. *Evangélio de San Marcos*. Madri: Ed. Cristiana, 1979, p.243.

Além disso, chama a atenção que em alguns manuscritos o v. 27 não aparece, o que pode ser influência dos textos paralelos de Mateus e Lucas, onde eles também não constam.

[...] Mateus pode ter omitido o versículo 27 porque seria uma difícil afirmação para os judaico-cristãos (Hawkins, 122) e porque seu objetivo principal era mostrar que Cristo é maior do que o templo e é ele o Senhor do sábado. (12.6-8). Schmidt, 98 diz que Lucas o omitiu porque as ideias que expressam este versículo aparecem em 13.10ss; 14.1ss. (Tradução nossa)⁷¹.

2.2.4 Comparação de versões

Compararemos algumas traduções para que se possa ter maior firmeza no momento de selecionar esta ou aquela expressão, e mesmo para esclarecer pontos obscuros que levam a interpretações duvidosas. Desta forma serão apresentadas quatro versões da perícopes em questão, para que se possa identificar as maiores diferenças. Serão utilizadas as versões da Bíblia de Jerusalém, Bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida, Bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada e Bíblia Sociedade Bíblica Britânica.

Bíblia de Jerusalém ⁷²	Almeida ARC ⁷³	Almeida ARA ⁷⁴	Sociedade Bíblica Britânica ⁷⁵
23 Aconteceu que, ao passar num sábado pelas plantações, seus	23 E aconteceu que, passando ele num sábado pelas searas, os	23 Ora, aconteceu atravessar Jesus, em dia de sábado, as searas, e os	23 Caminhando Jesus pelas searas em um sábado, os seus

⁷¹ Mateo pudo haber omitido el versículo 27 porque constituía una sentencia dura para los judeocristianos (Hawkins, 122) y porque su propósito fundamental era demostrar que Cristo, que es más grande que el templo es el Señor del sábado. (12.6-8). [...] Schmidt, 98 afirma que Lucas lo omitió porque las ideas que expresa este versículo aparecen en 13.10ss; 14.1ss. FERNANDES, 1979, p. 244.

⁷² *A Bíblia de Jerusalém. 5ª edição.* São Paulo: Paulinas, p. 2008 (BJ).

⁷³ BÍBLIA digital. *João Ferreira de Almeida, Revista e atualizada no Brasil (ARA)*. Disponível em: <<http://www.sbb.org.br/interna.asp?arealD=71>>. Acesso em 22 fev. 2014.

⁷⁴ BÍBLIA digital. *João Ferreira de Almeida, Revista e corrigida no Brasil (ARC)*. Disponível em: <<http://www.sbb.org.br/interna.asp?arealD=71>>. Acesso em 22 fev. 2014.

⁷⁵ BÍBLIA digital. *Bíblia Sociedade Bíblica Britânica (SBB)*. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/tb/mc/2>>. Acesso em 22 fev. 2014.

discípulos começaram a abrir caminhos arrancando as espigas.	seus discípulos, caminhando, começaram a colher espigas.	discípulos, ao passarem, colhiam espigas.	discípulos, ao passarem, começaram a colher espigas.
24 Os fariseus disseram-lhe: “Vê! Como fazem eles o que não é permitido fazer no sábado?”	24 E os fariseus lhe disseram: Vês? Por que fazem no sábado o que não é lícito?	24 Advertiram-no os fariseus: Vê! Por que fazem o que não é lícito aos sábados?	24 Os fariseus lhe perguntaram: Olha, por que fazem eles no sábado o que não é lícito?
25 Ele respondeu: “Nunca lestes o que fez Davi e seus companheiros quando necessitavam e tiveram fome,	25 Mas ele disse-lhes: Nunca lestes o que fez Davi, quando estava em necessidade e teve fome, ele e os que com ele estavam?	25 Mas ele lhes respondeu: Nunca lestes o que fez Davi, quando se viu em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros?	25 Ele lhes respondeu: Nunca lestes o que fez Davi, quando se viu em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros?
26 e como entrou na casa de Deus, no tempo do Sumo Sacerdote Abiatar, e comeu dos pães da proposição, que só os sacerdotes podem comer, e os deu também aos companheiros?”	26 Como entrou na Casa de Deus, no tempo de Abiatar, sumo sacerdote, e comeu os pães da proposição, dos quais não era lícito comer senão aos sacerdotes, dando também aos que com ele	26 Como entrou na Casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu os pães da proposição, os quais não é lícito comer, senão aos sacerdotes, e deu também aos que estavam com ele?	26 Como entrou na casa de Deus, sendo Abiatar sumo sacerdote, e comeu os pães da proposição, os quais só aos sacerdotes era lícito comer, e ainda deu aos seus companheiros?

	estavam?		
27 Então Ihes dizia: “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado,	27 E disse Ihes: O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem, por causa do sábado.	27 E acrescentou: O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado;	27 Acrescentou: O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado;
28 de modo que o Filho do Homem é senhor até do sábado”.	28 Assim, o Filho do Homem até do sábado é senhor.	28 de sorte que o Filho do Homem é senhor também do sábado.	28 assim o Filho do homem é senhor até do sábado

2.2.5 Análise das versões

No versículo 23, a versão da BJ traduz “abrir caminhos”. O texto grego diz “fazer caminho”. O texto induz o leitor a uma ideia de que a plantação está sendo danificada.

No versículo 24, as versões ARA, ARC e SBB traduziram οὐκ ἔξεστιν por “não é lícito”, mostrando que os discípulos estavam infringindo a lei.

A frase do versículo 25 conclui-se apenas no final do versículo seguinte. Porém as versões ARA, ARC, SBB, interrompem a frase no final do v 25 com um ponto de interrogação e introduzem uma nova interrogação no final do versículo 26.

No versículo 26 as versões ARA, ARC, SBB, traduzem novamente a palavra ἔξεστιν por “é lícito”.

O versículo 27 contém a palavra “foi feito”, enquanto a versão ARA traduz por “foi estabelecido”, mudança que não traz mudanças interpretativas ao texto.

No versículo 28, a versão ARA contém a tradução mais próxima ao original. Pois a tradução correta a partir do original é: de modo que o Filho do Homem é senhor também do sábado.

2.3 Análise literária

2.3.1 Características literárias do evangelho

Marcos é independente de Mateus e Lucas. Tal conclusão, aceita pela crítica bíblica moderna, se impõe pela brevidade de Marcos, e porque se percebe claramente que seu texto é o roteiro sobre o qual se constroem os dois outros evangelhos. Assim como procedem Mateus e Lucas, Marcos deve ter imprimido ao material da tradição sua própria perspectiva catequética.

Apesar de inúmeras variantes propostas pelos estudiosos, a teoria sobre a relação literária entre os evangelhos conservou um esquema básico, que se pode resumir assim: Marcos, o primeiro evangelho a ser escrito, provém, basicamente, da tradição oral; em adição a Marcos, porém, foi compilada uma fonte documentária anterior a ele (denominada pesquisa de fonte Q), mas desconhecida dele, a qual continha uma coleção de palavras, ditos (*logia*) de Jesus (Mt 8.11-12; Lc 13.28ss; Mt 6.9 – 13; Lc 11.2 – 4, por exemplo) ⁷⁶. Essas duas fontes foram utilizadas por Mateus e Lucas na composição de seus evangelhos.

Marcos, por sua vez, não dispunha de um evangelho escrito como fonte para sua obra, mas, quando muito, de blocos temáticos, como ciclos de milagres, controvérsias, parábolas etc. Mesmo nesse caso, continua incerto se esses blocos lhe chegaram às mãos por escrito ou por via oral.

A teoria das fontes produz uma série de dificuldades, dependendo do texto que se analisa. Por isso a maioria dos que propuseram esta teoria a tem modificado, tamanha a sua complexidade.

Boismard pensa que ao longo do processo de redação dos textos pode ter havido influências recíprocas de um evangelista sobre outro, o que não se coaduna com a teoria das duas fontes⁷⁷.

⁷⁶ SOARES, Sebastião Armando Gameleira/ JUNIOR, João Luiz Correia. *Evangelho de Marcos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p.15

⁷⁷ SOARES, 2002, p.17.

O Evangelho foi escrito para anunciar as boas novas sobre Jesus Cristo, Filho de Deus. Marcos, familiarizado com a mensagem evangélica de seu tempo, quis narrar a atividade de Jesus desde seu surgimento na Galileia e Judeia, ainda mais se o evangelista havia sido companheiro de Pedro e recordava seu ensino, como indica a tradução antiga.

Marcos insiste na humanidade de Jesus, pois está combatendo tendências docetistas e dando resposta a diversas objeções. Neste aspecto, Marcos difere de Mateus e João. O evangelista manifesta, sem dúvida alguma, que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, o vencedor de satanás e de seus poderes malignos, que padeceu, foi morto, sepultado e ressuscitou vitorioso da morte. Porém, Marcos se centra mais na confirmação da fé de seus leitores que em um desejo de refutar os seus adversários.

O autor fez uma seleção de relatos sobre atos e discursos de Jesus e os redigiu de forma aparentemente desconexa. Observamos essa característica na maneira como os textos estão ligados, por meio de conectivos como “e”, “novamente” ou “de lá”. Não é possível reconhecer um cronograma exato dos atos de Jesus nesse evangelho, ao contrário do que temos em João⁷⁸. A estrutura do evangelho não leva em conta a sequência cronológica dos fatos, pois a tradição sobre a vida de Jesus é organizada de acordo com três pontos geográficos: os acontecimentos na Galileia, os acontecimentos no caminho para Jerusalém e os acontecimentos em Jerusalém.

O evangelho não pretende fazer uma descrição completa da vida de Jesus. O que deve ser ressaltado, em vez disso, são os grandes atos de Deus na vida de Jesus⁷⁹.

Concluindo, o Evangelho de Marcos contém a tradição sobre o ministério de Jesus, ordenada com parâmetros geográficos, e no final está a história do sofrimento e ressurreição. O autor estruturou o seu evangelho de acordo com regras e um estilo literário definido, e assim ajuda o leitor a entender o ministério de Jesus.

2.3.2 Autor

⁷⁸ HORSTER, Gerhard. *Introdução e síntese do Novo Testamento*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p.15.

⁷⁹ HORSTER, 1998, p.15.

Conforme expusemos na teoria das fontes, o evangelho de Marcos é o mais antigo dos três evangelhos e foi utilizado por Mateus e Lucas como fonte. Além do evangelho de Marcos, Mateus e Lucas fizeram uso, independentemente, de uma segunda fonte que continha quase que exclusivamente ditos de Jesus, a assim chamada fonte dos “lógia”, o documento Q. A demonstração fundamental dessa teoria foi realizada, sobretudo, por H.J. Holzmann⁸⁰.

Eusébio (260-339), em sua História Eclesiástica, escreveu que Pápias, bispo de Hierápolis no início do século II, teve contato com a era apostólica. Ele teria informado que Marcos foi hermeneuta de Pedro, escrevendo os ensinamentos de Jesus⁸¹.

Falamos de João Marcos, originário de Jerusalém, primo de Barnabé (Cl 4.10). Na primeira viagem missionária, acompanhou Barnabé (At 12.25; 13.5). Porém sua viagem terminou abruptamente (At 13.13). Continuaram seus esforços missionários independentes um do outro. (At 15.37). Posteriormente Marcos é mencionado como sendo um colaborador de Paulo novamente (Fm 24; Cl 4.10; 2Tm 4.11). Não há relatos no Novo Testamento sobre Marcos como intérprete de Pedro⁸². “Estudioso como Kümmel pensava nas primeiras edições da sua introdução, que João Marcos é o autor do Evangelho (Carson & Moo & Morris, Guthrie, Gnillka?, Pohl, Wikenhauser)⁸³.”

Kümmel é cético em relação ao testemunho de Pápias, pelo fato de que o evangelho contém erros geográficos, que alguém originário de Jerusalém não poderia cometer. Outra objeção de Kümmel contra a informação de Pápias é que alguém de Jerusalém não teria escrito a cristãos-gentios⁸⁴.

2.3.3 Local

⁸⁰ LOHSE, 1980, p.130.

⁸¹ HORSTER, 1998, p.18.

⁸² HORSTER, 1998, p.18.

⁸³ HORSTER, 1998, p.19.

⁸⁴ KÜMMEL, Werner Georg. *Síntese teológica do Novo Testamento: de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo, João*. Tradução de Sílvio Schneider; Werner Fuchs. 4. ed. rev. atual. São Paulo: Teológica, 2003. p.115-116.

O Evangelho provavelmente foi escrito para uso da igreja. O testemunho de Crisóstomo, de que o evangelho foi escrito no Egito, não pode ser conciliado com as palavras de Clemente de Alexandria nem de Orígenes.

Mais argumentos favorecem Antioquia como local de redação. Bartlet faz várias observações para sustentar essa visão: o fato de que Pápias citou o testemunho de João, o presbítero, que viveu no Oriente; a ligação com Pedro, em Antioquia, a referência de 15.21, a Simão de Cirene (At 11.20; 13.1), o emprego de palavras aramaicas no evangelho de Marcos, a posição de Antioquia como um centro de cultura romana, o uso original de Marcos por Mateus e Lucas, a falta de um testemunho primitivo em favor da origem romana do evangelho. Mas

Nenhum destes argumentos é decisivo. Mais probabilidade tem a visão de que o Evangelho foi escrito em Roma. Esta hipótese tem a seu favor o testemunho do prólogo antimarcionita, de Irineu, Clemente de Alexandria e uma série de referências que sugerem que os leitores eram gentios (7.3; 11.13; 12.42), como as explicações das parábolas aramaicas, as alusões ao sofrimento e a perseguição (8.34 – 38; 10.38s; 13.9 – 13) e a frequência relativa de palavras e locuções latinizadas⁸⁵.

2.3.4 Data

Conforme Godet, Pedro teria sido morto sob a perseguição de Nero em 66 d.C., mas o evangelho teria sido escrito antes por volta de 64. Em Mc 13.14 o texto relata a fuga da igreja primitiva de Jerusalém antes do cerco romano para Pela, na Peréia. Isso sugere, segundo alguns pesquisadores, que o texto foi escrito antes de 66 d.C.⁸⁶. Outros o situam por volta do ano 70.

2.3.5 Contexto literário

⁸⁵ FERNANDES, 1979, p.55.

⁸⁶ HORSTER, 1998, p.19.

Mc 2.23-28 faz parte de um bloco de controvérsias entre Jesus e grupos adversários, que inicia em Mc 2.1 e se estende até 3.6. Este bloco de narrativas destaca-se do anterior de forma clara. Presume-se uma situação totalmente diferente. Ao contrário de 1.45, Jesus não evita ficar em público, mas vai diretamente para a cidade e se apresenta aos seus opositores. Os conflitos se sucedem com regularidade. A delimitação subsequente do bloco também é evidente. A partir de 3.7 cessam de repente os confrontos diretos com os adversários e, em lugar deles, fala-se do povo e do discipulado⁸⁷.

Do ponto de vista temático, o bloco de Mc 2.1-3.6 gira em torno da autoridade de Jesus, que é contestada por adversários escribas {2.6,16}, fariseus {2.16,18, 24; 3.6}, discípulos de João {2.18} e herodianos {3.6}. Contestada é a sua autoridade de perdoar pecados (2.7), de comer em companhia de publicanos e pecadores (2.15-17), de menosprezar o jejum (2.18-22) e de desrespeitar as regras do sábado (2.23-3.6). As controvérsias culminam com o silêncio dos adversários e com a sua decisão de matar Jesus (3.6). As cinco histórias estão direcionadas para esta decisão de matar⁸⁸.

Mc 2.23 abre os textos de controvérsia em torno do sábado. Mesmo que no bloco anterior haja igualmente uma perícopes ambientada em dia de sábado (Mc 1.21-28), seu tema principal não gira em torno do sábado, e sim da autoridade de Jesus de ensinar e expulsar espíritos imundos. A temática do sábado prossegue no texto seguinte (Mc 3.1-6), mas ali o ponto de partida da discussão gira em torno de um homem necessitado de cura. Sendo assim, é possível delimitar o texto de exegese a Marcos 2.23 – 28 e considerá-lo como um texto autônomo, possível de ser analisado como uma perícopes com temática própria.

2.3.6 Estrutura do texto

⁸⁷ POHL, Adolf. *Evangelho de Marcos, comentário esperança*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança. 1998, p.59.

⁸⁸ POHL, 1998, p.59.

A perícopete trata da colheita das espigas pelos discípulos. O início e o final da narrativa estão conectados pela referência ao sábado. Essa está presente nos dois primeiros e nos dois últimos versículos (23, 24, 27, 28).

Os dois versículos que perfazem o centro do texto, por sua vez, não se referem ao sábado, mas estão intimamente conectados por referências à fome, à comida e à partilha de comida (25-26). Portanto dois temas são destacados e repetidos no texto: “sábado” e “fome/comida”⁸⁹.

A perícopete inicia no v. 23, de forma clássica *Καὶ ἐγένετο*, uma forma que anuncia a situação característica de uma discussão. O versículo apresenta o cenário: os discípulos passavam por uma seara arrancando espigas⁹⁰.

No v. 24, todos os atores da cena aparecem: os fariseus, os discípulos e Jesus. Ainda que o nome de Jesus não seja mencionado ao longo da perícopete, ele e os fariseus são adversários novamente. Os fariseus se dirigem a Jesus com uma acusação: por que os discípulos fazem no sábado o que não é permitido pela lei?

Nos versículos 25 e 26, Jesus faz uma comparação com o episódio de Davi, pois sabia que o exemplo tinha peso diante dos que estivessem escutando o debate.

Os dois versículos seguintes (27-28) formam um paralelismo sinonímico: o homem do v.27 corresponde ao Filho do Homem no v.28.

Jesus termina o discurso de forma típica. Marcos destaca o versículo 27, ao introduzi-lo com um verbo no imperfeito, de forma que podemos entendê-lo como o auge da discussão e a caracterização da posição de Jesus sobre o tema. Como já destacamos, o versículo 27 não consta nos textos paralelos de Mateus e Lucas, o que poderia sugerir que ele também não estivesse no texto original de Marcos, embora não haja indícios convincentes nos manuscritos gregos. O manuscrito grego maiúsculo W e a versão siríaca sinaítica apresentam apenas uma outra versão para o versículo: “Digo-vos que o sábado foi criado por causa do homem, de modo que...” O mais provável é que Mateus e Lucas provavelmente tenham omitido o versículo para evitar um ataque explícito contra o sábado⁹¹.

O versículo 28 forma a conclusão da perícopete. O título Filho do homem é de especial interesse, como em 2.10, pois refere-se à ação poderosa de Jesus. Assim como em Lv 23.3, Yahweh é Senhor do sábado, neste versículo a comunidade

⁸⁹ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 7ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012, p. 124.

⁹⁰ GNILKA, Joachim. *El Evangelio Segun San Marcos*. Ediciones Sígueme: Salamanca, 1999, p.124.

⁹¹ SCHMID, Josef. *El Evangelio Segun San Marcos*. Barcelona: It. Editorial Herder, 1967, p.104.

entende que Jesus passa a ocupar este lugar, orientado pelo título Filho do Homem⁹².

De acordo com esse conteúdo, poderíamos estruturar a perícopes em quatro blocos:

I – v.23: A descrição do cenário: os discípulos colhem espigas em dia de sábado.

II – v.24: O foco da controvérsia: os fariseus questionam Jesus sobre a prática dos discípulos, contrária às leis sabáticas.

III – v.25-27: A discussão do problema: com base na Escritura e no exemplo de Davi (v.25-26), Jesus redefine o sentido do sábado (v.27).

IV – v.28: A conclusão da controvérsia: Jesus se define como o senhor do sábado.

2.3.7 Gênero literário

Dibelius classifica o texto como um paradigma, ou seja, pequenas histórias que se concentram em torno de uma ou mais palavras de Jesus. Para esse pesquisador, paradigmas são narrativas que originalmente eram usadas como ilustrações. Bultmann designou esse texto de apotegma, pela sua semelhança com histórias curtas que culminam igualmente em breves sentenças. Bultmann subdivide os apotégmatas em duas categorias: 1) apotégmatas de controvérsias e diálogos didáticos, 2) apotégmatas biográficos. Estas subdivisões compreendem um número de textos consideravelmente maior que o encontrado em Dibelius.

As controvérsias ou diálogos didáticos apresentam Jesus em discussão com outras pessoas. A origem das controvérsias pode residir numa cura ou num determinado comportamento de Jesus ou dos discípulos. Geralmente os interlocutores de Jesus são usados como critério para distinguir entre controvérsias e diálogos didáticos⁹³.

Os apotégmatas biográficos caracterizam-se por apresentar dados interessantes sobre a biografia de Jesus, muitas vezes oferecidos por ele próprio.

⁹² GNILKA, 1999, p.129-130.

⁹³ WEGNER, 2012, p. 184.

Os apotégmatas biográficos costumam apresentar detalhes da situação dos personagens envolvidos⁹⁴.

A perícope de Mc 2.23-28 descreve a atitude dos discípulos em arrancar espigas em dia de sábado. Ela serve como ponto de partida para uma discussão entre Jesus e seus adversários. Neste diálogo, Jesus responde à pergunta dos oponentes com uma contrapergunta, o que caracteriza o texto como um apotegma de controvérsia.

2.4 Análise de conteúdo

Esta análise será feita versículo por versículo, sendo observadas as partes do texto destacadas na sua estruturação. A cena forma uma unidade e fornece uma discussão sobre a observância do sábado. Jesus rejeita a compreensão rígida dos fariseus sobre o sábado, e insiste que ele é o enviado de Deus para definir o sentido do sábado. As leis estabelecidas pelos mestres humanos devem servir para o bem do ser humano, tal como corresponde à lei divina.

Outros exemplos de discussões sobre o mesmo tema encontram-se em 3.1-6; Lc 13.10-17; 14.1-6. O grande número de referências mostra a importância do tema na igreja primitiva. A importância do sábado para os judeus daquela época pode ser notada através da grande quantidade de vezes em que o tema aparece. “Para os judeus a quebra intencional do sábado colocava em perigo a ordem do mundo e ameaçava o trono de Deus, implicando a pena de morte”⁹⁵. Desta forma, percebemos o abismo entre Jesus e os fariseus, a ponto deles decidirem matá-lo (3.6).

Para Israel, o sábado deveria ser uma festa. Em um mundo escravizado pelo trabalho sem parar, o povo de Deus cessa o trabalho e festeja seu Deus libertador (Dt 5.15). Porém o caráter benéfico transformou-se, na prática judaica, no seu contrário. As obrigações religiosas transformaram o que deveria ser uma festa em um fardo.

⁹⁴ WEGNER, 2012, p.185.

⁹⁵ POHL, 1998, p.76.

V.23: E aconteceu de ele, num sábados passar através dos campos de cereais, e os discípulos dele começaram a fazer caminho arrancando as espigas.

O passar pelos campos equivale a uma jornada, e esta jornada era permitida pela lei. Porém, não poderia ser ultrapassado 880m, (a jornada de um sábado conforme At 1.12), o que com certeza aconteceu⁹⁶.

O episódio acontece entre abril e junho, na época da primavera, quando as espigas já estão maduras para a colheita. Jesus e seus discípulos atravessam as plantações. A cevada colhia-se pouco antes da Páscoa, e o trigo, pouco depois⁹⁷. A lei mosaica define que os campos não sejam colhidos até à margem, mas que um pouco seja deixado para viajantes carentes (Lv 19.9). As hospedarias eram raras, e as pessoas em viagem recorriam a este recurso estabelecido em lei⁹⁸.

No v. 24, os fariseus interrogam Jesus, pois seus discípulos fazem o que não é permitido fazer em dia de sábado. A ordenação sobre o sábado estava entre os principais mandamentos. Dt 5.12-15 apresenta como finalidade do mandamento o descanso humano. Porém, isso foi interpretado de diversas maneiras por diversas correntes exegéticas judaicas.

A Torá mais rigoroso de sábado está contida nos escritos de Damasco (10,14-12 ,6). Os fariseus também julgavam com severidade, mas sugerem traços humanos em sua interpretação. Na Mishná existe a frase: Todos que ameaçam a vida desprezam o sábado (Joma 8,6). Especialmente no Livro dos Jubileus o mandamento do sábado encontra uma interpretação teológica contemporânea. Aqui é considerado o sábado como um sinal e as razões para a escolha de Israel: “Ele nos falou: ‘Eu quero separar um povo de todos os povos. Eles guardarão o sábado e eu os consagrarei como meu povo e os abençoarei. Eles serão meu povo e eu seu Deus’” (2,9, cf. todo o capítulo 2 e 50,9-13). Para os homens, o sábado é um dia de descanso e de alegria em que “comem e bebem e abençoam o Criador de tudo” (Jub 2,21) e devemos celebrar bem vestidos (tradução nossa)⁹⁹.

⁹⁶ POHL, 1998, p.77.

⁹⁷ SCHMID, 1967, p.102.

⁹⁸ POHL, 1998, p.77.

⁹⁹ La torá más rigurosa del sábado se contiene en el escrito esencio de Damasco (10,14-12 ,6). Los fariseus juzgan también con severidad, pero dejan entrever rasgos humanos em su interpretación. Em La *mishná* se encuentra la fras: Todo peligro de vida despreza al sábado (Joma 8,6) Especialmente en el Libro de los jubileos el mandamineto del sábado encontró una interpretación teológica contemporânea. Aquí se considera al sábado como signo y fundamento de La elección de Israel: <<El nos habló: “Quiero separarme um pueblo de entre todos los pueblos. Ellos guardarán el sábado y yo los consgraré como mi pueblo y los bendeciré. Ellos serán mi pueblo y yo su Dios”>> (2,9, cf. todo el capitulo 2 y 50,9-13). Para los hombres, el sábado es un día de descanso y de alegría

Dessa forma, podemos compreender a indignação que o comportamento dos discípulos provoca junto aos fariseus. Colher espigas para saciar a fome não era proibido por lei. Entretanto, o problema ocorre por ter sido feito em dia de sábado, o que é considerado uma forma de trabalho. Na lista das 39 atividades proibidas no sábado, a colheita aparece de várias formas¹⁰⁰.

A resposta de Jesus nos v. 25-26 segue a maneira rabínica de contra-argumentar. Ele apela para 1 Sm 21.1-6. O trecho é simples em sua exposição. Jesus lembra o precedente do direito régio de Davi de violar a lei, pois ele e seus companheiros se viram em necessidade. Então Davi estava em tal circunstância fazendo uma importante campanha¹⁰¹, e ordenou que houvesse pão para seus soldados. O problema em questão é mostrar que os discípulos têm o direito de ordenar a obtenção de trigo, porque eles também estão em campanha com Jesus, que posteriormente se revelará superior a Davi (12.35). Marcos afirma que o Filho do Homem tem autoridade indiscutível não só sobre o código de débitos, mas também sobre o sábado¹⁰². Marcos escreve em seu evangelho que Davi e seus homens estavam com fome. Mateus, primeiro intérprete de Marcos, compreendeu claramente que o intuito de Marcos era ter motivo para falar de “misericórdia, não sacrifício” (Mt 12.2; Os 6.6)¹⁰³.

Nos v. 27 e 28, Jesus lembra o valor da instituição quando diz: O sábado foi feito por causa do ser humano e não o ser humano por causa do sábado. Com isso lembra que a validade da lei se confirma com o seguinte teste: Serve aos seres humanos? Se não serve, então falhou. Jesus lembra que nenhuma instituição é sagrada por si mesma. Ou seja, a lei foi feita para o benefício do ser humano. Para Jesus, o mandamento do amor consiste na meta suprema. Em seus esforços para santificar o sábado, o judaísmo delimita o espaço da vida humana. À luz da

em el que <<comen y beben y bendicen al Creador de todo>> (Jub 2,21) y hay que festejarlo com bela vestimenta. GNILKA, 1999, p.126.

¹⁰⁰ Eis a lista completa das atividades proibidas no sábado, segundo a Mishná (Shabat 7,2); 1) semear; 2) arar; 3) colher; 4) atar espigas; 5) trilhar; 6) ventilar; 7) escavar (desbastar a folha do cardo); 8) moer; 9) peneirar; 10) amassar; 11) cozer; 12) tosquiar; 13) lavar lã; 14) desenredar; 15) tingir; 16) fiar; 17) preparar os fios da tela; 18) emendar duas cordas; 19) trançar fios; 20) separar fios; 21) fazer um nó; 22) desfazer um nó; 23) dar dois pontos; 24) cortar para dar dois pontos; 25) caçar um cervo; 26) matá-lo; 27) esfolar-lo; 28) salgá-lo; 29) preparar sua pele; 30) aparar-lhe o pelo; 31) cortá-lo; 32) escrever duas letras; 33) raspar para escrever duas letras; 34) construir; 35) demolir; 36) apagar o fogo; 37) acender o fogo; 38) golpear com um martelo; 39) levar pesos de um lugar para o outro.

¹⁰¹ Davi estava fugindo do rei Saul.

¹⁰² MYERS, Ched. *O evangelho de São Marcos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p.203.

¹⁰³ MYERS, 1992, p. 203.

soberania escatológica de Deus, Jesus manifesta a vontade original de Deus, que havia sido coberta à sombra da *Torá*.

O sentido cristológico do v. 28 é claro. “O Filho do homem é senhor também do sábado”. Jesus situa-se na esfera divina. Sua autoridade é a própria autoridade de Deus e estende-se sobre toda a obra da criação. Seu poder se exerce sobre as forças da “impureza” e da alienação (Mc 1.21-28). Ele pode perdoar os pecados e revelar a radical igualdade humana (Mc 2.1-12; 13-17), tem todo o poder sobre o dia santo reservado para *lahweh*, e sobre todas as prescrições acerca do sagrado (Mc 2.23-28)¹⁰⁴.

O v.28 mostra o posicionamento de Jesus e indica o comportamento que todo ser humano deve ter frente às instituições. Jesus é senhor sobre a humanidade e sobre o sábado. O sábado deve servir às pessoas, que por sua vez, devem servir a Deus.

O evangelho liberta aqueles que têm sido manipulados pelo legalismo religioso, tanto quanto liberta as pessoas despersonalizadas por forças políticas ou econômicas. A reconciliação com Deus restaura os indivíduos à sua posição de clímax do ato criativo de Deus. Quando os homens dão prioridade pessoal ao governo de Deus na pessoa de Jesus, eles têm o potencial para se tornarem pessoas completas¹⁰⁵.

Para as primeiras comunidades, a discussão sobre o sábado era muito importante. Progressivamente o dia da comunidade passa a ser o domingo (Mc 16.2; Mt 28.1; Lc 24.1). O cristão tem como fundamento frente às instituições sua superioridade sobre toda obra criada por Deus ou pelos homens, ou seja, a liberdade é o critério de discernimento.

¹⁰⁴ SOARES, 2012, p. 125.

¹⁰⁵ MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos introdução e comentário. Série cultura Bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 44.

3 JESUS E O DIA DE DESCANSO

3.1 O posicionamento de Jesus em relação ao sábado.

A análise da estrutura de Mc 2.23-28 revelou que este texto pode ser desdobrado em três partes distintas: a colheita das espigas pelos discípulos em dia de sábado e a interrogação dos fariseus a Jesus (v. 23-24); os versículos v.25 e 26, que não se referem ao sábado, porém estão intimamente conectados por referir-se à fome, à comida e à partilha de comida, e os v. (27-28), onde Jesus estabelece o real propósito do sábado.

Passaremos agora à controvérsia de Jesus com os fariseus. No texto, outra vez as acusações são feitas aos discípulos e Jesus assume a responsabilidade e os defende. O assunto central é a observância do sábado.

No v. 23, Jesus e seus discípulos atravessam as plantações. As espigas já estão maduras para a colheita. Segundo Dt 23.26, era permitido, ao passar pela plantação de outrem, colher espigas com a mão. Só não era permitido passar a foice. Certamente por isso Lucas acrescenta: “debulhando-as com as mãos” (Lc 6.1). O problema surge por tratar-se do dia de sábado.

No v. 24 os fariseus interrogam Jesus sobre a prática ilícita dos discípulos. O nome “fariseus” deriva muito provavelmente do hebraico *p'erushim* ou do aramaico *p'erishajja*, os separados. Possivelmente, receberam esse nome de outras pessoas, porque se afastaram do seu ambiente social, aspirando mais do que uma simples santidade e exato cumprimento de deveres religiosos. A sua separação consistia principalmente em certas distinções a respeito do alimento e de atos rituais.

O início do movimento farisaico remonta ao tempo dos macabeus, quando era necessário defender a fé judaica contra a alienação helenista. Em 1 Macabeus 2.42 menciona-se uma reunião de israelitas corajosos e fiéis. Deste círculo de israelitas, os chamados *hassidins*, isto é, os piedosos, que foram os pilares da revolução macabaica, nasceram os fariseus. Era um grupo de judeus fiéis à lei, sem objetivos políticos¹⁰⁶.

¹⁰⁶ LOHSE, 2000, p. 69-71.

Apesar de serem um número pouco expressivo, aproximadamente 6000, a influência dos fariseus era grande, devido, principalmente, aos escribas, que dirigiam as comunidades farisaicas, estudavam a lei de Moisés e discutiam sua interpretação. Eram conhecedores da tradição oral e a relacionavam com a lei escrita. Os fariseus afastavam-se das pessoas que não conheciam a lei e usavam a expressão “povo da terra” (Jr 1.18; 34.19; 2Rs11.14.19; 15.5) para a designação desdenhosa “esse povinho que não conhece a lei” (Jo 78.49). Para os fariseus, não somente os mandamentos escritos, mas igualmente as prescrições oralmente transmitidas e desenvolvidas pela tradição continham as instruções dessa lei¹⁰⁷. As raízes dos fariseus podem ser traçadas de volta aos *hassidins* do II século. A insurreição dos Macabeus em 167 a.C. e nos anos seguintes contra as políticas insânias de Antíoco Epífanes teve o apoio dos *hassidins*. Porém com a rededicação do Templo em 164 a.C., e a aquisição da liberdade religiosa em 162 a.C., os *hassidins*, que estavam preocupados com a vida religiosa, separaram-se cada vez mais das intrigas dos hasmoneus. Entre as muitas seitas geradas pelos *hassidins* estava a dos fariseus, eles podem ser considerados como os continuadores dos *hassidins* no período do Novo Testamento¹⁰⁸. Os fariseus acreditavam que a lei oral deveria ser considerada como de igual autoridade que a *Torá* escrita. O problema básico era a autoridade da lei oral.

Esse material aparentemente começou a se desenvolver durante o exílio babilônico por causa das novas circunstâncias trazidas sobre o povo judeu. O exílio babilônico foi visto como punição divina pela negligência da lei e, portanto, durante esse período houve um sério retorno à lei¹⁰⁹.

A *Torá* escrita e oral, ao ser aplicada à vida cotidiana, produziu a democratização da religião, tornando-a pessoal na experiência das pessoas comuns. Este ensino era realizado na sinagoga, onde se tornou uma instituição poderosa dentro do judaísmo. Nas sinagogas, os escribas, muitos deles pertencentes ao partido farisaico, tinham papel importante a desempenhar. Porém o farisaísmo era no fundo legalista e conduziu ao formalismo; este, por sua vez, produziu o individualismo. Russel argumenta:

Toda religião que se edifica com base em um livro é compelida a criar meios de reinterpretar esse livro de modo a adaptar seu significado original às

¹⁰⁷ LOHSE, 2000. p. 72.

¹⁰⁸ TENNEY, Merrill.C. *Enciclopédia da Bíblia, Volume 2*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008, p.754.

¹⁰⁹ TENNEY, Merrill.C., Volume 2, 2008, p.757.

mudanças necessárias de sucessivas gerações. Assim aconteceu que, paralelamente a Torá escrita, surgiu um conjunto de interpretação, natural ou artificial, que se constitui na Torá não-escrita, 'a tradição dos anciões' (Mc 7.3) ¹¹⁰.

Em certos aspectos, Jesus estava próximo dos fariseus, como por exemplo, no tocante à expectativa de ressurreição dos mortos. Mas como podia Jesus manter comunhão com pecadores (Lc 7.36-50; 15.1ss) infringir as prescrições do sábado (Mc 2.23-26)¹¹¹? Com base na lista das 39 atividades proibidas no sábado¹¹², os fariseus acusam Jesus.

Através de uma contra-pergunta (v. 25-26), Jesus recorre às Escrituras. Davi era homem segundo o coração de Deus, e Jesus sabia que o exemplo dele tinha peso diante dos que estivessem escutando o debate. Com base na própria Escritura, Jesus defende a atitude dos discípulos. Davi não estava realizando qualquer ação de misericórdia naquele ato ¹¹³. A comparação entre os episódios com Jesus e seus discípulos de um lado, e Davi e seus companheiros do outro, consiste em que, nos dois casos, se possibilita o rompimento com a lei. O argumento de Jesus é lógico: se um rei faminto e seus homens comeram o pão sagrado do tabernáculo (1 Sm 21.1-6), então também era correto o Senhor do sábado permitir que seus discípulos arrancassem e comessem os grãos do campo. Davi transgrediu uma lei de Moisés, pois o pão só poderia ser consumido pelos sacerdotes (Lv 2.5-9). Os discípulos, no entanto, haviam quebrado apenas uma tradição oral. Deus está mais interessado em suprir as necessidades das pessoas do que proteger tradições religiosas. Também em outros textos Jesus expressa sua ira contra os fariseus por causa de seu moralismo (Mt 23).

O importante foi o comportamento de Davi e de Jesus. Assim como Davi, um homem de Deus, estava autorizado para atuar com liberdade, da mesma maneira Jesus¹¹⁴ deu liberdade aos seus discípulos para arrancarem as espigas¹¹⁵.

Quando menciona o caso de Davi, Jesus cita um caso decidido por uma autoridade competente e aceita pelo povo. Assim demonstra a superioridade da lei

¹¹⁰ RUSSEL, 2007, p.66.

¹¹¹ LOHSE, 2000, p.74.

¹¹² Ver referencia 101.

¹¹³ CHAMPLIN, 1995, p. 677.

¹¹⁴ Mc 2.28 de sorte que o Filho do homem é senhor também do sábado.

¹¹⁵ GNILKA, 1999, p. 127.

escrita sobre a tradição oral. Isso dificilmente poderia ser aceito pelos fariseus, os quais não aceitavam a autoridade messiânica de Jesus.

Jesus expõe sua posição no v.27, ao fazer menção à criação. Com isso demonstra seu posicionamento em relação a este dia. O sábado foi feito por Deus para servir ao ser humano como descanso. E o ser humano não pode inverter seu sentido, fazendo com que se torne escravo do sábado. Com isso, Jesus manifesta a vontade de Deus, que havia sido coberta pela sombra da lei. Todos os mandamentos devem ser interpretados através do amor. Jesus rompeu os limites da aliança entre Deus e seu povo, de acordo com as antigas profecias (Is 2. 1-4; 45.23; 60.1ss.). Mostrou a realidade da salvação, não se limitando às leis. É necessário fazer uso de interpretações radicais para aplicar as antigas tradições a uma situação totalmente nova. Alguns elementos são rejeitados porque se tornaram velhos ¹¹⁶.

As declarações de Jesus em relação à lei às vezes são relativas. O posicionamento de Jesus em relação à lei é ambivalente, pois ele intensifica a observância dos mandamentos éticos, com maior importância para o amor, enquanto leis rituais, como as de pureza, são atenuadas. Dificilmente se conseguia combinar rigidez e flexibilidade da lei. Porém, eventualmente, podia-se encontrar pontos favoráveis na exegese farisaica da *Torá* e posteriormente na exegese rabínica. Em relação à salvação, é necessário uma hermenêutica radical para aplicar as antigas tradições a uma situação totalmente nova¹¹⁷. Pode-se dizer que Jesus rompeu os limites da aliança de Deus com seu povo, e mostrou que a realidade da salvação não se limita à observância de leis, como a sabática era compreendida até então. Os fariseus, quando julgaram os discípulos, estavam julgando Jesus, pois eles eram seus discípulos. Na opinião dos escribas, entretanto, por esta ação os discípulos eram acusados de várias culpas. Eram culpados de apanharem as espigas, eram culpados de colher, eram culpados por todo o procedimento de preparar uma refeição em dia de sábado. Portanto, os fariseus dizem que esta ação era um desrespeito ao sábado.

O texto não relata onde o diálogo ocorre, mas a presença dos fariseus entre eles em um dia de sábado sugere a possibilidade de Cristo e os discípulos terem assistido ao serviço na sinagoga e, não tendo recebido nenhum convite para comer, estarem passando pelos campos para procurar um lugar de descanso. Se este for o

¹¹⁶ RAD, 1967, II, p.408.

¹¹⁷ RAD, 1967, II, p.408.

caso, então a citação de “misericórdia eu quero, não sacrifício” em Mt 12.7 bem podia conter uma velada reprovação à sua negligência em praticar a hospitalidade do sábado. Um aspecto importante residia no preparo de alimento para eventuais visitantes. Então Jesus responde à acusação com outra acusação. Para os discípulos havia alguma desculpa, mas para a negligência dos fariseus em prover alimento para o sábado, não havia nenhuma. Cristo defende os discípulos lembrando o exemplo de Davi (“nunca lestes?”). Desta forma, a observância ao ritual deve dar passagem às obrigações morais, para que, em casos de necessidade, possa ser feito aquilo que, em outras circunstâncias, não poderia ser feito. Outro argumento é de que, no caso de Davi, para saciar a fome, ele comeu os pães proibidos, e além de tudo era proibido tocá-los, conforme a lei, o que não acontecia com as espigas. O apetite de Davi, de fato, colocou de lado a regra divina¹¹⁸, enquanto que o apetite dos discípulos colocou de lado meras noções dos escribas.

Em ambos os exemplos, o pão sagrado e o tempo sagrado foram usados excepcionalmente para satisfazer as necessidades humanas. Esse conceito estava esquecido nos dias de Cristo. Seu uso foi justificado porque a intenção por trás de todas as leis divinas não é privar, mas assegurar a vida. Assim, a exceção não anula, mas corrobora a validade do mandamento. Com esse argumento, Jesus mostra que Deus preocupou-se com os nossos corpos quando instituiu esse dia, para que pudessem descansar e não se esgotassem com as tarefas constantes deste mundo¹¹⁹. A tradução direciona para este pensamento nos versículos 27 e 28.

27 - Parece que o *δία* tem aqui um sentido prospectivo, com o seguinte significado: o dia de descanso foi feito para o homem, e não o homem para o dia de descanso. 28 - *Ἵστε* introduz uma oração independente, e tem o significado: portanto, em consequência (uma parte de inferência que significa: e assim que, em consequência – M144): Portanto, o Filho do Homem é Senhor também no dia de descanso. (tradução nossa)¹²⁰.

¹¹⁸ Lv 24.5-6 Tomarás farinha fina e assarás doze pães, cada qual feito de dois jarros de quatro litros de farinha fina, e os colocarás em duas fileiras de seis pães cada uma, sobre a mesa de ouro puro, diante do SENHOR.

¹¹⁹ Dt 5.14 mas o sétimo é o sábado, dia de descanso dedicado ao SENHOR teu Deus. Não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem tua escrava, nem teu boi, nem teu jumento, nem algum de teus animais, nem o estrangeiro que vive em tuas cidades, para que assim teu escravo e tua escrava possam descansar da mesma forma que tu.

¹²⁰ 27 - Parece que *δία* tiene aquí un sentido prospectivo, con el siguiente significado: el día de reposo fue hecho para el hombre, y no el hombre para el día de reposo. 28 - *Ἵστε* introduce una oración independiente, y tiene el sentido: por tanto, en consecuencia (una partícula de inferencia que significa: y así que, en consecuencia -M144): Por tanto, el Hijo del Hombre es Señor aun del día de

Nesta frase, Jesus afirma para si próprio a capacidade de interpretar, com autoridade completa, o preceito do sábado e de determinar seu significado. Porém ainda contém outra dificuldade: Jesus, em uma afirmação pública, parece não se dirigir exclusivamente aos seus discípulos ao designar-se Filho do Homem. Esta frase contém uma parte escatológica sobre sua majestade futura¹²¹.

Demonstrar amor por atos de bondade representa para Cristo a verdadeira observância do sábado, pois isto explica a real atividade redentora de Deus que o dia comemora. De fato, como memorial da divina redenção tanto da escravidão do Egito (Dt. 5.15) como dos laços do pecado (Lc. 5.18-19; 13.16; Jo 5.17), o sábado é a ocasião em que os crentes experimentam a misericordiosa salvação de Deus expressando bondade e misericórdia aos outros¹²².

O sábado é considerado um dom do Criador e continua com sua validade. O homem não deve ser administrado pelo sábado. Para Jesus, o amor é o objetivo supremo. Em seus esforços para santificar o sábado, os fariseus delimitaram a vida do ser humano ao legalismo¹²³.

Com uma frase transcendental, Jesus determina a relação do ser humano com o sábado. Este dia foi destinado por Deus ao ser humano como um dia de descanso. Ele não pode inverter a ordem determinada por Deus, tornando-se um escravo deste dia¹²⁴. O sábado foi destinado a suprir as necessidades da humanidade em relação a Deus: é um dia de renovação (Ex 31.12-17). O sábado também enfatizava os relacionamentos humanos e a justiça social (Dt 5.12-15). O sábado foi o presente de Deus para o ser humano, pois ele sabia o que suas criaturas necessitavam. Ele ordenou um dia em sete para que, ao quebrar a rotina do dia-a-dia, eles pudessem manter o equilíbrio físico, psicológico, social e espiritual. Era um dia de descanso para todos, tanto escravos quanto livres, tanto homens como mulheres, e até mesmo para os animais.

O Evangelho liberta aqueles que têm sido manipulados pelo legalismo religioso, tanto quanto liberta as pessoas despersonalizadas por forças políticas ou econômicas. A reconciliação com Deus restaura os indivíduos à

reposo. HANNA, Roberto. *Ayuda Gramatical para el estudio de Griegom*. Editoraial Mundo Hispano, apartado postal 4256, El Paso, TX 79914 EE.UU. de A. 2001. Disponível em: < www.editorialmh.org>. Acesso em 22 fev.2014.

¹²¹ SCHMID, Josef. *El Evangelio Según San Marcos*. Barcelona: Editorial Herder, 1967, p. 105.

¹²² BACCHIOCCHI, Samuele. *Do sábado para o domingo, uma investigação do surgimento da observância do Domingo no Cristianismo Primitivo*. Roma: Pontificia Universitas Gregoriana Facultas Historiae Ecclesiasticae, 1977, Ed, 2009, p.34.

¹²³ GNILKA, 1999 p.128, 129.

¹²⁴ SCHMID, 1967, p.104.

sua posição de clímax do ato criativo de Deus. Quando os homens dão prioridade pessoal ao governo de Deus na pessoa de Jesus, eles têm o potencial para se tornarem pessoas completas¹²⁵.

O encontro do Senhor invisível no tempo, no sábado semanal, é um prelúdio do encontro do Senhor visível no espaço, no dia final de Sua vinda.

Assim como os demônios encontrarão em Jesus o seu senhor (Mc 1.34), assim como ele se tornou senhor de todos os pecados (Mc 2.5) e de todas as enfermidades, assim como o vento e o mar se lhe submetem (Mc 4.41), o mesmo acontece com o sábado judaico, que escravizava os fiéis¹²⁶. Jesus deixa claro o critério correto para compreender o sentido do sábado, neste e nos demais textos em que Ele se defronta com o tema. Jesus declara no evangelho de Mateus:

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve (Mt 11.28-30).

Através de Jesus, alcançamos a vida, pois Ele é a vida (Jo 11.25). Através de Jesus saciamos a sede da alma, pois Ele é a água da vida (Jo 4.14). Através D'ele chegaremos ao Pai, pois Ele é o caminho (Jo 14.6), e através de Jesus temos descanso, pois Jesus é também o senhor do sábado, ou seja, Ele é o descanso para a alma do cansado (Mc 2.27-28). Sua morte quebrou os sistemas mais escravizantes e agora conduz para a liberdade, em direção ao amor.

Jesus deixou o fundamento último da atitude cristã em face de todas as instituições humanas: a superioridade da pessoa sobre toda obra criada por Deus ou pelos homens, a liberdade como critério último de discernimento¹²⁷.

3.2 O domingo

O domingo nada tem a ver com o sábado, ou seja, não surgiu para substituir o dia de descanso. O domingo foi resultado de um longo processo histórico que está ligado aos anos de formação do cristianismo.

¹²⁵ MULHOLLAND, M. Deway. *Marcos*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p.44.

¹²⁶ POHL, 1998, p.79

¹²⁷ SOARES, 2012, p.115

Quando o cristianismo era predominantemente judaico, o sábado era o dia oficial cristão de descanso e adoração. Quando o cristianismo finalmente se tornou predominantemente gentílico, o sábado foi abandonado e o domingo se tornou o dia oficial de descanso e adoração¹²⁸.

Essa mudança aconteceu ao longo de três séculos. Em 321, o Imperador Constantino publicou um decreto que introduziu uma nova era na história do domingo cristão. Antes disso o domingo era observado pelos cristãos como um dia de culto. Agora ele se tornou também um dia de descanso oficialmente reconhecido e prescrito.

As primeiras comunidades se reuniam para ouvir a pregação do evangelho, celebrar a Ceia do Senhor e recolher as ofertas a fim de comemorar a ressurreição de Jesus. Jesus ressuscitou em um domingo. Por isso este dia foi se tornando marcante ao longo do tempo, ao ponto de se celebrar a ceia do Senhor num domingo (At 20.7)¹²⁹. O dia da ressurreição de Jesus tornou-se especial para a memória dos primeiros cristãos e para a Igreja cristã. Ao final do segundo século da era cristã, estava cristalizada a relação do domingo como o “dia do Senhor”. Conforme Gruyters:

O sábado, na espiritualidade judaica, era o dia da criação do mundo. O domingo representava o início da nova criação. Era, ao mesmo tempo, o primeiro e o oitavo dia, a realização plena das promessas de Deus, a antecipação do dia sem fim, na eternidade. E assim como o menino judeu devia ser circuncidado no oitavo dia após o nascimento (cf. Lc 2.21), assim também a circuncisão espiritual, o batismo, acontecia no oitavo dia, no domingo¹³⁰.

Paulo, ao escrever a epístola aos Romanos, ensinou que não estamos mais debaixo da lei mosaica, assim como os gentios nunca o estiveram. O apóstolo indica que nenhum dia é mais santo do que qualquer outro (Cl 2.16). O apóstolo Paulo coloca a liberdade da lei no centro de sua teologia, considerando a observância de determinados dias um retrocesso (Gl 4.10; Gl 5). As comunidades gentílico-cristãs, em concordância com a teologia paulina, certamente não observavam o sábado, enquanto que cristãos oriundos do judaísmo o mantiveram por muito tempo.

Três passagens do Novo Testamento geralmente são citadas como evidência para a observância do domingo: 1Co 16.1-3, At 20.5-11 e Ap 1.10. É imperativo uma

¹²⁸ TENNEY, Merrill.C., Volume 5, 2008, p.546

¹²⁹ FILHO, Fernando, Bortolletto. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: Aste, 2008, p. 286.

¹³⁰ GRUYTERS, Antônio H.M. *Santificar sábado ou domingo: o que diz a Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 8.

análise destas passagens, a fim de estabelecermos se a observância do domingo é pressuposta ou mesmo sugerida no Novo Testamento.

Em 1Co 16.1-3 Paulo recomendou aos crentes de Corinto (assim como cristãos das igrejas da Galácia) que assegurassem no primeiro dia da semana uma contribuição substancial em favor dos pobres da igreja de Jerusalém. Esta implícita nesta declaração uma reunião dominical cristã. Esta é a primeira evidência com respeito à consagração do primeiro dia da semana pela Igreja apostólica. Porém, transferir a teologia do sábado para o domingo é difícil. O fato real é que os cristãos estavam acostumados a se reunir no domingo¹³¹. Paulo poderia ter mencionado o primeiro dia da semana mais por motivos práticos do que teológicos. Aguardar até o final do mês para separar contribuições não é seguro, pois nesta ocasião poderia se estar de mãos vazias. O fato é que nenhuma transação financeira era feita no sábado pelos judeus. Paulo parece recomendar aos cristãos para que planejassem no primeiro dia da semana a contribuição de seus recursos. O texto, portanto, propõe um planejamento semanal que garantisse a contribuição ordenada a favor dos pobres de Jerusalém¹³².

O segundo texto é o relato de Lucas em At 20.5-15. Paulo e seus companheiros chegaram a Trôade após o encerramento da festa dos pães asmos, e ali permaneceram por sete dias. Na noite do domingo a igreja se reuniu para partir o pão e Paulo apresentou um longo discurso. Um dos fatos que marcou a reunião foi o jovem que caiu da janela após ter adormecido, sendo considerado morto. Após o reavivamento de Êutico, Paulo partiu o pão com eles e ainda lhes falou largamente até ao romper da alva (At 20.8-11). Esta reunião “é a primeira evidência não ambígua que temos para a prática cristã de reunir-se para adoração neste dia”¹³³. Esta passagem fornece uma ligação entre o primeiro encontro de Jesus com seus discípulos na noite do dia da ressurreição (Jo 20.19-23; Lc 24.36-43) e o costume estabelecido da igreja do séc. II e III de se reunir para o culto no primeiro dia da semana¹³⁴.

¹³¹ BURTON, James. *Comentário bíblico*. Disponível em: <<http://www.study-light.org/com/bcc/view.cgi?bk=45&ch=16>>. Acesso em 21 nov. 2013.

¹³² BOOR, DE Werner. *Carta aos Coríntios, comentário esperança*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 1998, p.141.

¹³³ TENNEY, Merrill.C. *Enciclopédia da Bíblia, Volume 5*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008, p.550.

¹³⁴ TENNEY, Merrill.C., Volume 5, 2008, p.551.

A terceira passagem encontra-se em Apocalipse 1.10, onde João menciona o “dia do senhor”. Este é o primeiro lugar na literatura cristã em que o dia do Senhor é mencionado. Este dia é lembrado como sendo recordação da ressurreição do Senhor. Pohl argumenta:

Como dia da ressurreição e como oitavo dia ele na verdade também aponta para a nova criação no grande dia vindouro de Deus. Seguramente uma mera indicação de calendário não teria tido importância suficiente para João. Ao citar o domingo, ele destacou uma dupla relação. Por um lado era o dia da reunião, no qual sabia que as igrejas do continente estavam reunidas para adorar o Ressuscitado. Por outro lado, era o dia da esperança, que dirigia seus sentidos para a consumação e a renovação do mundo¹³⁵.

Outrossim, quanto ao domingo, Burton enfatiza:

Esta expressão foi encontrada somente aqui no Novo Testamento, "e além de toda dúvida razoável isto significa, no domingo." [33] "Há toda razão para acreditar que a igreja usou a palavra em protesto contra a adoração de César" [34]. Alguns têm pensado que isso significa o dia do juízo, indicando que João foi transportado pela visão para o tempo do juízo final; mas o juízo é, invariavelmente, o "dia do Senhor" no Novo Testamento. Aqui, "Dia do Senhor" é uma construção similar a "Ceia do Senhor" (1 Coríntios 11:20). "Isto significa 'pertencente ao Senhor', ou 'consagrado ao senhor'". [...] De acordo com Deissmann, a partir de 30 d.C. e continuando até 98-117, um dia de cada mês, foi chamado "Dia de Augusto", e que certamente poderiam ter sido os cristãos que começaram a se referir ao primeiro dia da semana como "o dia do Senhor" em oposição à atual idolatria direcionada aos imperadores romanos. É um absurdo supor que "o dia do Senhor" é uma referência ao sábado judaico. Sábado foi um dia da semana em que Jesus passou as vinte e quatro horas dele na tumba! Por outro lado, domingo foi o dia que Jesus ressuscitou dos mortos, no mesmo exato dia em que os apóstolos encontraram-se com ele no cenáculo, e uma semana mais tarde em outro domingo o senhor apareceu novamente aos seus apóstolos congregados. Domingo foi o dia em que o Espírito Santo veio no dia de Pentecostes. Foi o dia que os discípulos se reuniram para partir o pão (At 20:7); Foi o dia que a coleta foi retomada (1 Coríntios 16:2) e adicionado a tudo isto, a tradição cristã invariável de mais de dezenove séculos, faz o Domingo o dia da assembleia cristã, um costume ainda observado em todo

¹³⁵ POHL, Adolf. *Apocalipse de João, comentário esperança*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 2001, p.46.

o mundo. "O dia do Senhor", este é um título extremamente apropriado para o dia. (tradução nossa) ¹³⁶.

Não há nenhuma dúvida, portanto, de que o dia do Senhor aqui refere-se ao dia que conhecemos por domingo.

¹³⁶ This expression is found only here in the New Testament, "and beyond all reasonable doubt it means on Sunday." [33] "There is every reason to believe the church used the word in protest against Caesar-worship." Here, "Lord's day" is a similar construction to "Lord's supper" (1 Corinthians 11:20). "It means `belonging to the Lord', or `consecrated to the Lord'. [...]According to Deissmann, from A.D. 30 and continuing until 98-117, one day of every month was called "Augustus Day"; and it certainly could have been that the Christians started referring to the first day of the week as "the Lord's day" in opposition to the current idolatry directed toward Roman emperors. It is preposterous to suppose that "the Lord's day" is a reference to the Jewish sabbath. Saturday was a day of the week upon which Jesus spent the entire twenty-four hours of it in the tomb! On the other hand, Sunday was the day Jesus rose from the dead, the very same day the apostles met him in the upper room, and a week later on another Sunday the Lord appeared to his assembled apostles again. Sunday was the day the Holy Spirit came on Pentecost; it was the day the disciples came together to break bread (Acts 20:7); it was the day the collection was taken up (1 Corinthians 16:2); and, added to all of this, the invariable Christian tradition of more than nineteen centuries makes Sunday the day of Christian assemblies, a custom still observed all over the world. "The Lord's day" is thus an exceedingly appropriate title for the day. BURTON, James. *Comentário bíblico*. Disponível em: <<http://www.studylight.org/com/bcc/view.cgi?bk=65&ch=1>>. Acesso em 21 nov. 2013.

CONCLUSÃO

A partir dos estudos realizados, gostaríamos de tirar algumas conclusões. No primeiro capítulo vimos a amplitude do tema e a dificuldade de reconhecer a origem do sábado. Vimos aqui que o sábado, segundo o livro de Gênesis, celebra a abertura da história da humanidade. O sábado relembra a ação redentora de Deus manifesta através de seu povo. A origem do sábado é incerta, segundo de Vaux¹³⁷, pois o sábado sofreu flexibilização ao longo do tempo. As interferências externas existem entre o sábado e um dia especial de outros povos. A influência do calendário lunar também é bastante citada, as influências babilônicas da mesma forma, porém não podemos afirmar que o sábado bíblico veio do povo de Israel, pois o sábado é uma instituição muito antiga.

Para entendermos que o sábado é o dia de “cessar, parar”, precisamos retornar para o Gênesis. Os demais textos do Pentateuco não são homogêneos em relação ao sábado. O sábado é o símbolo que representa a aliança entre Deus e o homem. Assim como o batismo é necessário para expressar a morte do egocentrismo e o nascimento da nova criatura, o dia de descanso, agora o domingo, é necessário para que a comunhão com Deus seja mantida. É um dia para refletir, o dia de meditar, para orar. O dia de cessar, parar, é um sinal de compromisso mútuo, e estimular a comunhão com Deus.

Ao analisarmos o texto de Marcos 2.23-28, entendemos que Jesus fundamenta sua posição sobre o sábado a partir do exemplo de Davi, mas sobretudo com a criação do ser humano, pois o ser humano foi criado antes do sábado. Desta forma, o ser humano não deve ser administrado pelo sábado. O sábado não deve ser um dia mantido pelo legalismo, mas sim pelo amor de Deus à sua aliança. Este dia foi instituído por Deus para o equilíbrio físico, psicológico, social e espiritual.

A teologia de Jesus em relação ao sábado nos indica que o sábado foi feito para o ser humano. A partir de então, todo o tempo que temos é dele e dedicado a ele. Nessa direção aponta o texto de Cl 2.16. Neste texto, a instituição sabática aparece como símbolo do que o povo judeu deveria esperar. Fomos comprados pelo sangue de Cristo e todo nosso tempo é Dele. Ninguém deve ser julgado pelo que

¹³⁷ De VAUX, 2004, p.509.

come ou bebe, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados (Cl 2.16).

Nos primeiros anos da igreja cristã, havia crentes que seguiam fazendo distinção entre os dias. Outros, no entanto, consideravam todos os dias iguais (Gl 4.10). Paulo dizia que esta diferenciação produzia uma dificuldade espiritual e fraterna. Aos que criam estar neste repouso (Hb 4.3), aguardavam o descanso futuro. O sábado foi dado especificamente a Israel e se aplica, no sentido estrito, apenas a ele. Contudo, ele contém princípios que são morais e eternos. Ele reivindica o dever do ser humano de cultuar o seu Criador, e de estabelecer-lhe um tempo para o culto. Jesus considerou o sábado como uma provisão para as necessidades do ser humano e não como uma obrigação opressiva. Paulo indica claramente que o sábado era parte da velha aliança tornada sem efeito por Cristo.

A obediência a Deus se dá na vida do cristão, que significa viver cada dia o descanso espiritual descrito em Hebreus 4.3 ¹³⁸. O tempo livre da necessidade de produzir é a intenção básica do sábado judaico e deve ser valorizado. Jesus deixou-nos o exemplo. Cabe resgatar o sentido positivo do evangelho para o dia de descanso: este é um dia de alegria, festa, comunhão e solidariedade. Ele está aí para colocar cada semana na perspectiva da nova criação, antecipando a festa da vida eterna.

Nenhuma ordenança específica é dada na Bíblia para se observar o domingo como um dia de descanso e culto. Embora o ideal seja que o cristão observe cada dia como santo e que não necessite de qualquer exigência para levá-lo a adorar a Deus, os conceitos antinomianos falharam em motivar a maioria das pessoas a observar um tempo de culto. A verdadeira adoração ao Senhor Jesus levará o cristão a observar o dia do Senhor como um dia quando ele se voltar das suas atividades comuns dos dias da semana para cultuar o Senhor, em comemoração à ressurreição de Cristo da morte e para se ocupar no serviço cristão a favor de seu Senhor¹³⁹.

¹³⁸ VILA, Samuel; ESCUAIN, Albert. *Nuevo Diccionario Bíblico Ilustrado*. Barcelona: Editora clie, 1990, p.1029.

¹³⁹ TENNEY, Merrill.C., Volume 5, 2008, p.557.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A *BÍBLIA DE JERUSALÉM*. 5ª edição. São Paulo: Paulinas, 2008 (BJ).

BACCHIOCCHI, Samuele. *Do sábado para o domingo, uma investigação do surgimento da observância do Domingo no Cristianismo Primitivo*. Roma: Pontificia Universitas Gregoriana Facultas Historiae Ecclesiasticae, 1977, Ed, 2009.

BÍBLIA digital. *Bíblia Sociedade Bíblica Britânica (SBB)*. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/tb/mc/2>>. Acesso em 22 fev. 2014.

BÍBLIA DIGITAL. *João Ferreira de Almeida, Revista e atualizada no Brasil (ARA)*. Disponível em: <<http://www.sbb.org.br/interna.asp?arealD=71>>. Acesso em 22 fev. 2014.

BOOR, DE Werner. *Carta aos Coríntios, comentário esperança*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 1998.

BURTON, James. *Comentário bíblico*. Disponível em: <<http://www.studylight.org/com/bcc/view.cgi?bk=45&ch=16>>. Acesso em 21 nov. 2013.

CHAMPLIN, R. Ph, D. Norman. *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo. V.I Mateus, Marcos*. São Paulo: Candeia, 1995.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. 2 volume, 5ª edição. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010.

FABRIS, Rinaldo. *Problemas e perspectivas das ciências bíblicas*. São Paulo: Loyola, 1993.

FIGUEIREDO, Antônio Pereira de. *Bíblia Sagrada, comentários e anotações segundo os consagrados trabalhos de Glaire, Knabenbauer, Lesêtre, Lestrade, Poels, Vigouroux, Bossuet, etc.*, Vol. I. São Paulo: Editora das Américas, 1950.

FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo: Paulus, 2008.

GASS Ildo Bohn. *Exílio babilônico e dominação persa*. São Leopoldo/São Paulo: CEBI/Paulus, 2004.

GERSTENBERGER, Erhard. *Teologias no Antigo Testamento: Pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Editora Sinodal/CEBI, 2007.

GNILKA, Joachim. *El Evangelio Segun San Marcos*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1999.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.

GRONINGEN, Gerard Van. O Sábado no Antigo Testamento: Tempo para o Senhor, tempo de alegria Nele: In: *Fides Reformata*. São Paulo: Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper, 3/2 (1998), p.156.

GRUYTERS, Antônio H.M. *Santificar sábado ou domingo: o que diz a Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003.

HANNA, Roberto. *Ayuda Gramatical para el estudio de Griegom*. Editoriaial Mundo Hispano, apartado postal 4256, El Paso, TX 79914 EE.UU. de A. 2001. Disponível em: < www.editorialmh.org>. Acesso em 22 fev.2014.

HORSTER, Gerhard. *Introdução e síntese do Novo Testamento*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

KILPP, Nelson. Dia de descanso. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, Carlos de; KILPP, Nelson (Conselho Editorial). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: Aste, 2008, p.285-287.

KÜMMEL, Werner Georg. *Síntese teológica do Novo Testamento: de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo, João*. Tradução de Sílvio Schneider; Werner Fuchs. 4. ed. rev. atual. São Paulo: Teológica, 2003.

LASON, William Sanford, David A. Hubbard, Freideric W. Bush. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LOHSE, Eduard. *Introdução ao Novo Testamento*. 3ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1980.

MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

MYERS, Ched. *O evangelho de São Marcos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

POHL, Adolf. *Apocalipse de João, comentário esperança*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 2001.

POHL, Adolf. *Evangelho de Marcos, comentário esperança*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança. 1998.

RAD, Gerhard, Von. *El Libro del Genesis*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982.

RAD, Gerhard, Von. *Teología del Antiguo Testamento vol. I. Tercera Edición*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1971.

RAD, Gerhard, Von. *Teología del Antiguo Testamento vol. II Teología de las tradiciones proféticas de Israel*. Tercera Edición Salamanca: Ediciones Sígueme, 1976.

- SCHMID, Josef. *El Evangelio según San Marcos*. Barcelona: Editorial Herder, 1967.
- SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- SCHWANTES, Milton. *Breve História de Israel*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2010.
- SCHWANTES, Milton. *Gênesis 1-11 Vida, Comunidade e Bíblia*. São Leopoldo/São Paulo: CEBI, 2007.
- SKA, Jean Louis. *Introdução à leitura do Pentateuco: chaves para a interpretação dos primeiros cinco livros da Bíblia*. Coleção Bíblica Loyola: 37. São Paulo, Loyola, 2003.
- SOARES, Sebastião Armando Gameleira/ JUNIOR, João Luiz Correia. *Evangelho de Marcos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- TENNEY, Merrill. C. *Enciclopédia da Bíblia, Volume 2*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.
- TENNEY, Merrill. C. *Enciclopédia da Bíblia, Volume 5*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.
- THOMPSON, J. A. *Deuteronômio Introdução e comentário*. Série Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- VILA, Samuel; ESCUAIN, Albert. *Nuevo Diccionario Bíblico Ilustrado*. Barcelona: Editora Clie, 1990.
- VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 7ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

WENHAN, Gordon, J. *Números Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

WESTERMANN, Claus. *Gênesis 1-11: A Continental Commentary*. Minneapolis: Fortress Press, 1994.

ZENGER, Erich. *A Sagrada Escritura de judeus e cristãos. In: Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.